

# Frou-Frou...



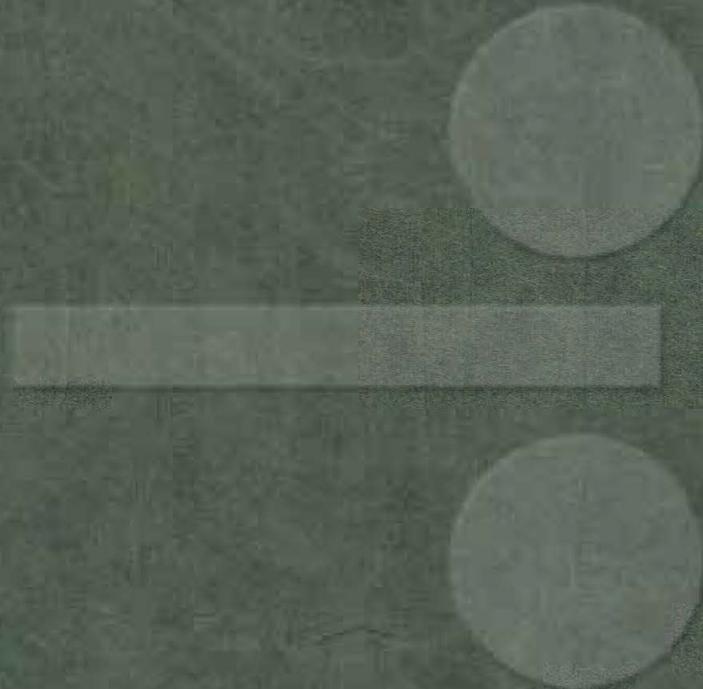
ANNO I

Nº 9

PREÇO

2\$500

# THE UNIVERSITY OF CHICAGO



1911

# SONHA!



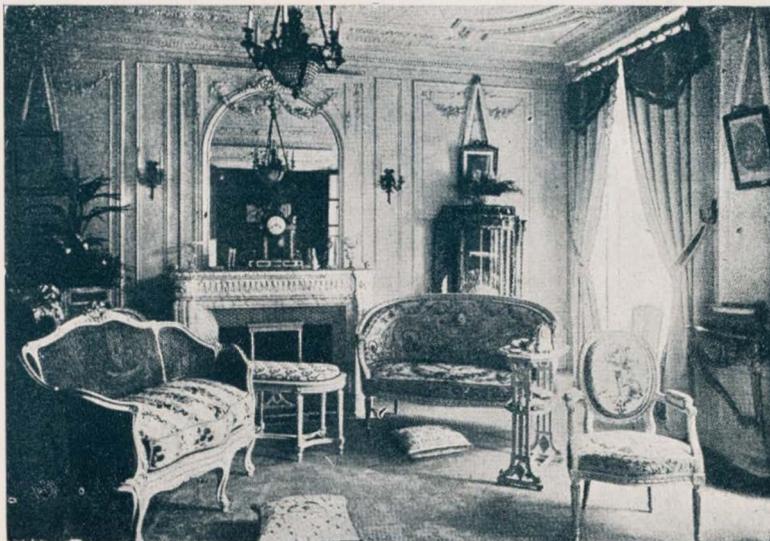
O delicioso encanto das noites de luar consiste, talvez, em ser tudo propício a que o espirito obedeça á voz da Natureza que lhe diz: Sonha! Não é apenas rómantismo o que há no fundo dessa palavra; sonhar é a primeira etápa no caminho da acção; começaram por sonhos todos os grandes cometimentos da humanidade. Por isso, talvez, enche-nos de estranho deleite permanecer horas e horas contemplando o luar. Succede, porém, frequentemente que não tomamos as devidas precauções contra o frio e a humidade da noite e dahi o apanhar-se resfriamentos e bronchites. Se, de regresso a casa, sentir-se calefrios e malestar, tome-se uma dose

de CAFIASPIRINA o remedio considerado idéal por todos os medicos. Sua efficacia é identica nos cazos de dores de cabeça, garganta e ouvido, como nas depressões cauzadas por excessivo trabalho mental e abuzo de bebidas alcoolicas, nevralgias, rheumatismo, etc. Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, uns e outros identificados pela Cruz Bayer.



TODAS AS PESSOAS DE BOM GOSTO, e que queiram possuir uma residencia decorada com apuro, devem visitar os nossos armazens, onde encontrarão além dos MOBILIARIOS ARTISTICOS, TAPEÇARIAS FINAS e DECORAÇÕES MODERNAS.

Um variado sortimento de: TECIDOS, CORTINAS, STORES, ABAT-JOURS de seda e de cretone, TAPETES, CAPACHOS, etc.



**ASA MINE S**

REGISTPADA

65, RUA DA CARIOCA, 67 - RIO

PREMIADA HORS  
CONCOURS NA EX  
POSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

## A FORMULA DOS BRILHANTES

Um dia, depois de dois annos de não nos vermos, entrou-me pela porta dentro o Don Procopio, um typo muito original que fôra meu mestre de chimica. Digo original, porque na sua immensa sabedoria tinha ás vezes cada idéa que era da gente ficar de cara á banda.

Quando o vi entrar não pude deixar de me admirar, tanto mais que apesar do frio que fazia, elle vinha a suar em bica. Não me deixou falar. Perguntou-me de choíre :

- E's meu amigo ou não ?
- Amigo verdadeiro !
- Então, esconde-me aqui em casa por dois ou tres dias.
- Com muito gosto, mas que ha, D. Procopio ?

— Cala-te, imbecil. Não me chames Procopio, que eu agora sou Napoleão, Carlito, Hercules, ou qualquer outro nome, menos Procopio.

Puxou uma cadeira com cuidado, como se não quizesse fazer ruido, tirou com todo mysterio qualquer coisa do bolso e mostrou-m'a.

- Vês isto ?
- Vejo. Parece um brilhante.
- Não parece. E' mesmo. Com esta differença : chimicamente puro !

Assaltou-me logo uma idéa. apesar de não comprehender muito bem a tal coisa do "chimicamente puro". O procopio roubára o brilhante e vinha esconder-se, com o roubo, em minha casa. Lembrei-me logo do escandalo da Policia e da conseqüente ruptura da minha noiva, commigo.

— Estou lendo na tua cara que suppões ter eu roubado este brilhante. Enganas-te. Fui eu que o fiz.

Compreendi. O Procopio estava maluco. Primeiramente

quizera que eu o chamasse de Napoleão, agora dizia que fabricava brilhantes...

O Procopio continuou :

— Sabes o que é o brilhante antes de o ser ? O diamante lavrado é que é o brilhante; e o diamante é simplesmente carbone natural, como a anthracite, a hulha e outras coisas mais que tu não conheces.

— Mas, depois, o que quer dizer ?

— E' que eu disse commigo um dia : se o diamante é um carbone natural, por que é que a anthracite, que tambem o é, não póde dar brilhante ? E comecei a operar. Quinze dias fiz ensaios, que me falharam, mas hontem tive uma idéa genial. Tomei uma particula muito pequenina de anthracite e deitei-lhe em cima uma gotta de um acido de minha invenção, a que chamei oxidosalico adiamantino. Este, porém, age muito lentamente, de modo que, ao deitar-me, o deixei sobre a mesa de cabeceira, e esta manhã... Oh ! Esta manhã ! Não te digo mais nada... Estás vendo aqui ?... Dize lá se não vou enlouquecer !

Quasi me ia convencendo a explicação.

— Mas, por que se quer esconder ?

Falou-me de novo mysteriosamente :

— Por causa do meu creado, que me espiou e quer roubar-me a fórmula.

Em boa verdade, o D. Procopio impressionou-me com aquella historia. A pedra brilhava que era uma belleza e eu comecei a pensar, sem saber por quê, que, em troca da hospedagem que lhe dava, elle me contemplaria com alguns brilhantes, visto que era questão de alguns dias gastos em os fazer.

— Amigo D. Procopio ! Faça de conta que está em sua casa.

Elle sorriu-me satisfeito, enquanto eu dizia de mim para mim

— O mundo é meu! Associe-me a D. Procopio e prompto!

A noite com a sua túnica espessa veio tomar o lugar desse dia de emoções, mas eu não podia dormir. Oh! Os brilhantes! Brilhantes nos punhos da camisa, no botão do collarinho, nos cordões das botinas, etc., etc.

Um ruído monótono e persistente, continuo, veio tirar-me das minhas divagações. Parecia que alguém batia levemente com os dedos nos vidros da janella. Assustei-me um pouco, mas pensando ser illusão minha, colri a cabeça com a colcha... O ruído, porém, continuou... Tim... Tim... Tim... Não me contive... Quiz vê o que era. Quem sabe se não seria o creado do D. Procopio que vinha roubar a fórmula? A coisa continuava... Tim... Tim... Tim... Não havia duvida... Estava alguém "apalpando" as vidraças... Levantei-me devagarzinho, approximei-me da janella e, de repente, corri as cortinas... Tim... Tim... Tim... Estava chovendo, e a agua a bater nos vidros produzia o mysterioso ruído... Ah! Que allivio senti immediatamente! Mas... Ao voltar-me, um homem mascarado me ameaçou com um revólver.

— Mãos acima! Onde está a fórmula?

Isso de pedir-me a fórmula, isto é, de me obrigar a dar-lh'a, não me sorriu muito. Mas que remedio... O revólver, na sua mudez, "falava" e fazia-se entender admiravelmente. Maldição! Maldição! Adeus brilhantes! Sonhos dourados de algumas horas apenas.

— A fórmula! insistiu o patife. E eu que aprecio mais a vida que os brilhantes, por mais reluzentes que elles sejam, procurei a fórmula e dei-lh'a. Mais ligeiro que um phantasma, o intruso desapareceu.

Passados uns dez minutos, se tanto, uma campainhada forte resoou por toda a casa. Fiquei contentissimo. Pensei logo que a Policia surprehendera o gatuno, lhe deitára a mão e vinha restituir-me o precioso papel. Corri a abrir a porta. Estava ahi, de ante de mim, uma senhorita, muito bonita e assustada, que me perguntou:

— Papae está aqui?

— Papae, quem é? interoguei como resposta.

— D. Procopio!

— Está! Póde entrar, senhorita!

Entrou, e ficou tranquilla sabendo que papae dormia. Contou-me, a seguir, por que vinha até ahi:

— Papae está ficando meio louco por excesso de trabalho. Julga que sabe fazer brilhantes. Hontem á noite, enquanto elle dormia, tirei de cima da mesa de cabeceira um que elle fabricára, e deixei em seu logar um verdadeiro para que não desse por falta do outro, se acordasse antes de eu voltar. Levei o tal a um chimico e este, depois de o examinar bem, atirou-o rapidamente para dentro de um tacho de agua, dizendo-me que, passados dez minutos, tinha explodido horrivelmente. Como o senhor comprehenderá, procurei durante todo o dia papae para que não repetisse as experiencias, e só agora me lembrei de vir aqui, pois elle fala a miúdo no senhor. Chego a tempo felizmente.

Enquanto D. Procopio dormia e a senhorita se tranquillava, eu ria intimamente. Os brilhantes! Os sonhos dourados! Tudo isso que eu julgava perdido ha pouco com o roubo da fórmula, me fazia agora rir só em pensar nos apertos em que se havia de vêr o ladrão quando quizesse pôr em pratica a fórmula...

Os brilhantes que elle havia de obter... seriam as estrellas do céu quando voasse pelos ares.

## LÁGRIMAS DE CROCODILO

Os actores cinematographicos choram "de verdade" quando representam?

— Não! responde uma revista norte-americana. E explica:

— Os processos usados no cinematographo para provocar as lagrimas aos actores são muitos e varios. Acontece, ás vezes, que uma scena é suspensa no seu momento mais emocionante. E sabem por que e para que? Para o protagonista poder arranjar com calma as suas lagrimas... E para o conseguir aspira um pouco de ether ou de ammoniaco, ou, então, introduz um pouco de vaselina nos olhos. E' essa a origem dos copiosos prantos que tanto nos commovem nos dramas da scena muda...

# TINTOL

PARA TINGIR EM CASA.

M. CONCALVES & CIA. RUA MUNICIPAL 13 TEL N. 195

# HORAS DE SOL

(ACTO UNICO)

Uma planície immensa, desarborizada, sol de verão calcinador, escaldante, e uma estrada de altos e baixos, cheia de pó, a perder-se no horizonte... No céu, de um intenso azul, nem uma nuvem vem beifeitora, e no sólo, quasi fumegante, nem um riacho, uma fonte, um macisso de verdura sequer. Tremula o ar irizado pelo fogo solar.

Canta a cigarra a sua monotona estri-  
cência. Zumbe um moscardo, a voar zig-  
zagueando como ebrio de luz. Lentamente,  
muito lentamente, avança pela estrada uma  
carroça tosca, arrastada por uma mula fa-  
mética, á qual dá deanteira uma burrinha  
de lombo ossudo e olhos lacrimosos. Atada  
com uma corda curta, atrás, á carroça, cam-  
minha uma cachorra, pezarosa, cabisbaixa.  
Dentro do vehiculo, o carroceiro dorme, e  
junto a elle sobre uns saccos vazios uma  
cachorrinho de poucos dias, de cabecinha  
inexpressiva, olha languidamente umas ve-  
zes o horizonte, outras vezes a cachorra, que  
é mãe delle.

A MULA (levantando a cabeça, entreabri-  
do os olhos e resfolgando com força) — Que  
tardezinha quente, amiga burra!

A BURRA (sacudindo as moscas) — Podemos  
dar graças a Deus, da carroça vir vazia.

A MULA (referindo-se ao carroceiro) — Espi-  
a daí, se o tyranno vae dormindo.

A BURRA — De certo. Pensas talvez que se  
elle estivesse acordado nós iamós aqui tão  
devagar. Um sujeito como elle! Ainda que  
nos visse a morrer, obrigava-nos a accele-  
rar a marcha.

A MULA — Ruim como todos os homens,  
afinal!

A BURRA — Como todos, não!

Meu pae, que viveu em grandes cidades,  
dizia que havia homens bons para nós. Cem  
vezes me repetia "Minha filha, quando vires  
homens a puxar um carrinho, humilha-te e  
respeita-os. São os benemeritos da nossa  
raça. No logar delles poderia ir um de nós  
a puxar. Além disso a gente vê na cara del-  
les que sentem certo orgulho em se pere-  
cerem connosco.

A MULA (incredula) — Nunca vi semelhan-  
te coisa. Caçoada de teu pae!

A BURRA (com gravidade) — Perdão!! Meu  
pae sempre fallou a verdade. Por isso é que  
foi um grande burro!

O CACHORRINHO (espreguicando-se e esten-  
dendo a cabeça para fóra da carroça) —  
Mãe!

A CACHORRA (olhando-o amorosamente) —  
O que é!

O CACHORRINHO — Vem, sobe! Quero  
mamar.

A CACHORRA (triste) — Não posso, meu fi-  
lho... Estou amarrada ao carro.

O CACHORRINHO (pondo-se de pé e cam-  
baleando) — Então vou eu ahi.

A CACHORRA (horrorizada) — Não faças  
tal!

O CACHORRINHO (ingenuo) — Não sei por  
quê... Posso perfeitamente.

A CACHORRA — Não te movas dahi, por  
Deus!

O CACHORRINHO (teimoso) — Mas, se eu  
estou com fome mamãe! Por que não que-  
res tu que eu desça?

A CACHORRA (afflicissima) — Por que te  
machucarias ao cair, e porque mal sabes  
andar ainda. Não poderias acompanhar a  
nossa marcha. Ficarias pelo caminho, aban-  
donado e só, enquanto a carroça, mais po-  
tente que eu, me arrastaria para longe de  
ti... Dorme, meu filho... Dorme.

O CACHORRINHO (resoluto) — Eu vou des-  
cer!

A CACHORRA (aterrada) — Não te debruces  
tanto... Vae para dentro.

(Um solavanco enorme faz oscillar a car-  
roça e o cachorrinho perdendo o equilibrio  
é cuspidó para a estrada).

A CACHORRA (cravando as patas no sólo,  
como que pretendendo, com tão debil es-  
forço, deter a machar do vehiculo).

— Chega-te para aqui, filho. Faze a di-  
ligencia a ver se eu te posso segurar com  
dentes

O CACHORRO (esforçando-se por obedecer)—  
Sim, mamãe... Espera um pouquinho.

A CACHORRA (fazendo como ha pouco um  
esforço incrível sentindo que a corda a es-  
trangula, a enforca, a fere).

— Vem!

O CACHORRINHO (em soluços) — Oh! Não  
posso! (vendo que a carroça se afasta delle  
cada vez mais) Mamãe! Mamãe! Por Deus,  
não me deixes aqui!

A CACHORRA (gritando com suprema angus-  
tia) — Burrinha amiga! Por teus filhos te  
peço! Pára!

A BURRA — O que é que ha?

A CACHORRA — O meu cachorrinho!...  
Caiu! Não pôde andar!

A BURRA (para a mula) — Pára tu ahi a  
carroça...

A MULA — Para quê? Para o carroceiro  
acordar e moernos os ossos com pancada?  
Dessa estás tu livre, minha amiga!

A CACHORRA — Por compaixão!

A BURRA — (para a mula) — Pára, já te  
disse!

A MULA (resoluta) — E eu já disse que  
não páro!

A BURRA — E' o filhinho della!

A MULA — E que tenho eu com isso?

Quem a manda ter filhos?

A BURRA — (indignada) — O que sabes tu  
de amores e de filhos, maldita, raça esteril?  
Ou páras, ou te rebento já os peitos a  
coice!

A MULA (parando deante da ameaça) —  
Seja... Eu páro...

Neste momento a tua posição na deantei-  
ra é superior á minha e tenho que te obe-  
decer. Mas ai de ti se esse malvado acorda  
e me espanca... Serei eu então quem te re-  
bento a coice, lá em casa...

A CACHORRA (para o filho que se approxi-  
ma cambaleando) — Vem, meu filho...  
Não pares. Descansarás aqui ao pé de mim.

A MULA (por entre dentes) — Veremos o  
que nos vae custar esta brincadeira.

A BURRA — Não tenhas medo. Assim que  
elle vir o cachorro no chão comprehenderá  
tudo.

A MULA — Como ha de elle comprehendêr,  
se é homem?

A BURRA — Nessa occasião, quando elle  
acordar, eu atravesso-me na estrada e elle  
verá então que sou eu a unica culpada disto  
não andar.

(O cachorrinho chega nesse momento  
perto da cachorra que o lambe todo. A bur-  
rinha olha para elles recordando talvez pas-  
sadas dôres e carrega para a direita atra-  
vessando-se na estrada).

A MULA — Ficamos aqui toda a vida?  
(Sacode bem a cabeça, a fazer barulho com  
a campainha da coelheira).

(O homem acorda e põe-se logo de pé, es-  
pantado).

O HOMEM (de chicote na mão, fallando  
comsigo) — Que diabo de historia é esta?

A MULA (devagarzinho para a burra) —  
Prepara-te!

(O carroceiro desce da carroça, pega o  
cachorro pelo cogote e jaga-o para dentro  
do carro. A cachorra mexe com a cauda,  
agradecida, a burra volta ao seu logar e  
o vehiculo roda de novo).

O HOMEM (salta pelos varaes toma o seu  
logar, lêga no chicote e zás! duas chico-  
tadas valentes no lombo da burrinha. A  
mula sorri) — Toma burra do inferno, que  
é para não parares com um calor destes!

A BURRA (mais que a dôr, sente a injustiça  
do castigo) — Afinal, sempre é homem!

(O vehiculo avança gemendo pela estrada,  
o carroceiro a fumar e cantarolando alheio  
a tudo).

## F. R. MOREIRA & C.

ENGENHEIROS CIVIS E ELECTRICISTAS

Unicos Agentes dos afamados Elevadores "STIGLER" — MILANO

Instalações de força e luz, campainhas, telephones e para-raios, installações frigorificas, bombas para agua e acidos. Grande sortimento de material electrico e lustres. Motores electricos e dynamos, machinas em geral, ferramentas.

RIO DE JANEIRO

SEDE — 107 e 109, Avenida Rio Branco

DEPOSITO — 23, Rua Chile

OFFICINA — 49, Rua S. Francisco da Prainha

Casa de Compras em Paris — 141, Rue Lafayette

TELEPHONES

Escritorio 1590 Norte  
Armazem 3558 "  
Inst. Electricas 4983 "  
Deposito 4962 Central

CODES USED

A. B. C. — 5-th,  
Western Union  
Ribeiro - Bentley's

Caixa Postal 522 — Rio — End. Telegraphic FRARIMOR — RIO

## O MEU "LEAL"

Lindo cachorro o meu "Leal"! Gostava que o houvessem conhecido! Grande, pêlo branco e macio, dois olhos de um olhar... de um olhar... Como direi?... De um olhar inocente... carinhoso... isso mesmo, carinhoso, como uma criança... Intelligente, muito intelligente, acredite... Tudo quanto eu lhe ensinava aprendia... Se via uma senhora, amparava-se só nas patas trazeiras e inclinava a cabeça...

Por divertimento, e como meio de defesa, visto que este era o vigia de noite no quintal, ensinei-o com um manequim a saltar ao pescoço de um homem, a um grito mais alto, meu.

Bello cachorro, o meu "Leal"! Era com elle e minha esposa que eu repartia por igual o meu amor, os meus carinhos. E minha esposa, o que hei de dizer della? Que era linda tambem... muito linda... demasiado linda talvez... Olhos grandes e negros... de um olhar que entonteciam a gente. E que pestanas! Eu beijava-a sempre nos olhos. E ella então dizia, cheia de mimo, a sorrir graciosa:

— Tonto... tonto... meu tonto querido!

A minha vida, portanto, reduzia-se ao escriptorio onde trabalhava e ao meu lar! Eramos todos felizes. Todas as commodidades, todos os seus desejos, os seus caprichos, eu attendia contente. E de tarde, depois de jantar, sahiamos a aspirar o ar puro do jardim, onde havia rosas, cravos, violetas e jasmims... Os jasmims eram a minha flôr predilecta, uma especie de simbolo da pureza.

Digam-me uma coisa... Os senhores acreditam na sinceridade de um anonymo? Eu não acreditava que o anonymo só podia ser fructo de um canhalha. Mas... Um dia recebi uma carta anonyma... Dizia só isto assim:

"A sua "felicidade" não é coisa muito de invejar, sabe? Mais feliz é sua esposa, na sua ausencia, bem entendido".

O anonymo, acreditava eu, só podia ser fructo de um canhalha. Não liquei. Invidar de minha mulher, tão pura, tão nobre, tão santa? Jámais!

O trabalho no escriptorio augmentou e houve extraordinarios á noite. Eu voltava para casa á meia-noite. Só o "Leal" me recebia aos saltos de contente... A minha Lucia dormia.

Outra coisa que eu quero perguntar. Os senhores acreditam que as grandes desgraças se adivinham? Eu creio que sim. Sem saber por quê, certa noite, senti um mal estar enorme. Estava inquieto, nervoso, quasi febril. Retirei-me mais cedo. As ruas desertas. Luz em minha casa. O "Leal" estava preso. Soltei-o. Entrei em casa, pé ante-pé, ouvido á escuta. A voz macia de minha mulher, o seu rir crystalino, distinguia-se bem, e, assim, a voz de um homem. Escutei. O bruto dizia:

— Teu marido é um idiota. Escrevi-lhe, ha dias, uma carta anonyma, e elle não se deu por achado. Creio que elle sabe".

Abri então, de repente, a porta. Ao verem-me, saltaram ambos um grito de terror. Quiz deitar-lhes em rosto a infamia. Não pude. A garganta só emittia sons roucos sem nexo.

O homem saiu para o jardim abandonando a cumplice ás minhas iras. E eu, então, pude gritar-lhe:

— Covarde!

Um rugido de dôr chegou logo até mim. Corri... O "Leal", meus senhores, segurára-o pela garganta e despedaçava-l'ha. Minha mulher correu tambem. Creio que gritou por soccorro, porque vi chegar muita gente, ao mesmo tempo que uma detonação se fez ouvir. O "Leal" cahiu, e, depois, arrastando-se, veio para mim. Agachei-me. Acariciei-o. Estava empapado em sangue. Lambu-me a mão muitas vezes e ficou immovel, morto!

Chorei então! Chorei muito. Tinha uma necessidade infinita de gritar, praguejar, atirar para longe de mim a dôr que me lacerava a alma.

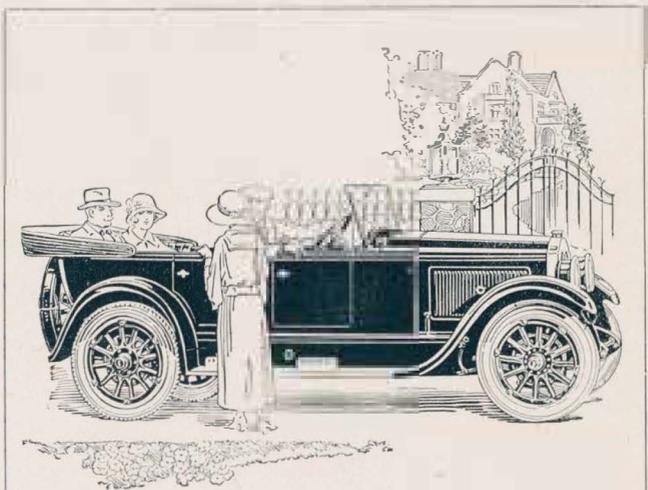
E chorei pelo cachorro, pelo tremendo desmoronar da minha fé, da minha esperanza, da minha felicidade, de tudo!

Os mezs passaram, mas nada mais me interessou. Minha mulher cahiu doente e levaram-na para o hospital. Fui vê-la uma só vez. Não pude dizer-lhe nada. Pediu-me perdão. Não pude perdoal-a. Não pude, e Deus sabe que eu queria perdoar! Depois não a vi mais. Disseram-me, um dia, que ella tinha morrido. Não tive pena. Por que? Não sei. Mas não tive pena.

Pouco a pouco fui cahindo. Fiz-me vagabundo. Não creiam que é facil a gente tornar-se vagabundo. É necessario esquecer mo-nos de tudo. De nós mesmos até. Como se não tivéssemos existido!

Não peço esmola. Trabalho a meu modo... Apanho nas ruas trapos e papeis velhos para vender, para comer "honradamente" o meu pão. A amizade dos homens não me preoccupa. Nunca! No mais minimo de tudo! Prefiro a dos cachorros! Pobre do meu bom "Leal". É esta a sua historia!

Está triste, por isto, o leitor? Numa época tão materialista, os sentimentaes são ridiculos, creia!



QUEREIS SABER COMO SERÃO  
OS OUTROS AUTOMOVEIS  
EM 1925 e 1926?

EXAMINAE  
OS NOVOS  
MODELOS

BUICK

1924

A marca Buick é a pioneira da industria



Estabelecimentos Mestre & Blatgé, S. A.  
RUA DO PASSEIO 50

RUA SENADOR VERQUEIRO 147. ★ EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Barão



# Frou-Frou...

ANNO I — NUM 9

MAGAZINE MENSAL

FEVEREIRO 1924

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Director - Gerente : Manoel Santos

Preço :

Avenida Rio Branco n. 110

Correspondência a Caixa 572

Rio e Estado . . . . . 2\$500

RIO DE JANEIRO

Composta e impressa nas officinas

Numero atrasado . . . . . 3\$000

End. Tel. FROUFROU — RIO

do "Jornal do Brasil"

Assignatura (um anno) . . . . . 36\$000

## - Carnaval -

Fevereiro, minha doce amiga, é um mez que me faz extraordinariamente bem. Todas as noites, eu tenho perto de casa um barulho ensurdecedor de "Zé-Pereira": é a "Flor de Abacate" do meu bairro tristonho que se ensaia para o Carnaval. Você, naturalmente, ha de extranhar que eu, de temperamento tão pouco buliçoso, tão amante da solidão e, sobretudo, tão melancolico, encontre nesse ruído nocturno de pandeiros e saxophones barbaros um motivo de goso intenso, um thema, cheio de inexprimível encanto, de felicidade. Mas não pense, não, meu lindo sol, que eu aqui lhe esteja falando a linguagem artificiosa da pedanteria. Não!

E' uma cousa que não está em mim, que não sei, que não posso, que não quero explicar. Toda vez, porém, que o Deus Momo baixa á terra, puxando pelos cordeiros da sua diabrura os personagens interessantes do seu cortejo *grand-guignolesco*, eu sinto invadir-me todo o ser um "frisson" que até hoje não consegui dizer o que é: si voluptuosidade, si esthesia. Não se espante... Esthesia!

Porque, minha doce companheira longinqua, o Carnaval não deixa de ser, repare, uma fonte deliciosa de inspiração e de emoção artistica.

Os carros allegoricos, com os seus gran-

des mostruarios de antiguidade pittoresca os carros de critica, com as suas satyras, impiedosas umas, á maneira do louco Swift, misericordiosas outras, á moda do humano Mark Twain; os *blácos*; a mascarada; os bailes dos "clubs"; a cidade em plena orgia; o delirio colectivo — ah! como tudo isso nos faz pensar, e nos suggere idéas, e nos desenha, bruscamente, na memoria alerta, os "croquis" mais fantasticos, os poemas mais turbulentos, as esculturas mais audaciosas, em summa o drama completo da vida, com os seus Arlequins, os seus Pierrots, as suas Colombinas, todos berrando, saracoteando, fingindo que choram, todos posticos e falsos, todos escondendo sob as sêdas baratas a miseria da pobre carne sofredora e dolorosa.

Você não se lembra de já ter visto um quadro de Di Cavalcanti, *O cordão?* Pois elle é um pedaço vivo da Vida.

Eis, porque, Fevereiro me faz extraordinariamente bem. E eu amo o barulho ensurdecedor do "Zé-Pereira" da "Flôr de Abacate" do meu bairro triste...

Beija-lhe as mãos, Colombina, aquelle que, embora o menos pallido, é o mais lyrico de seus Pierrots.

DES GRIEUX

# Pierrot, Arlequim & Colombina Na legenda, na vida e no theatro

Nestas columnas, ora graves, ora frivolas, e em que ora evocamos as figuras severas dos grandes dramas da Historia e ora fazemos resurgir, como num cosmorama d'ouro, as figuras cheias de encanto das dóces Musas da humanidade, nestas columnas vêm hoje bailar, tontas da mascarada que se annuncia, as tres personagens da mais verdadeira das tragedias, a tragedia da Alegria: Pierrot, Arlequim & Colombina, um com o seu olhar maguado e a sua face melancolica, outro com o seu sorriso meio desdenhoso e meio cynico, outra ainda com aquella sua sensual indifferença, que é antes uma innocente e casta promessa.

"Mas — dirão os leitores — nem Pierrot, nem Arlequim, nem Colombina existiram. Elles foram, tão somente, creações dos homens. Como, pois, tomal-os a serio? E discutir-lhes os gestos? E estudar-lhes as attitudes? E ir buscar numa phrase que teriam talbuciado, num ateus que teriam accnado, num juramento que teriam feito, todo o terrivel segredo da força dolorosa do seu eu interior?"

Pierrot... Arlequim... Colombina... Pantomima... Bonecos..." Mas nós responderemos aos leitores:

"Pierrot, Arlequim e Colombina — e não só elles como o seu sequito numeroso e brilhante, de que fazem parte os Pantalone, os Scarpin, os Bartholo e os Pasquino de todas as edades e de todas as raças — Pierrot, Arlequim e Colombina vivem connosco, ao nosso lado, a vida de todos os dias, a vida quotidiana, a vida terra-a-terra, a vida commum, esta insipida, es'a insupportavel, esta horrorosa vida burgueza, que é como um pendulo oscilando entre a monotonia do Prazer e a monotonia do Soffrimento, e partilham das nossas dôres e dos nossos jubilos, e riem os nossos risos, e choram as nossas lagrimas, e connosco celebram a gloria dos deuses e lamentam a inconstancia impiedosa do destino. Elles não são productos de uma fantasia. Elles não nasceram de um pueril devaneio artistico. Elles não foram "imaginados". Symbolos de uma face da tragedia humana, elles representam, na sua crua nudez, essa tragedia, que se desenrola atravez dos tempos como si numa pantalha de cinematographo — muda, obscura, dolorosa, infinitamente expressiva na angustia calna do seu silencio.

Trazendo-os da penumbra azul em que dormem o seu inquieto somno, para a ribalta destas columnas, ora graves, ora frivolas, nós não lhes vamos tecer em torno das "silhouettes" cheias de mundana graça as mentiras ultra-galantes da invenção. Nós vamos, sim, contar-lhes a historia: a peregrinação secular pelo mundo, desde os bellos dias, illuminados de eterno sol, da Grecia de Aristophanes, até aos nossos, sem duvida menos bellos e radiosos

de aquelles, mas como elles animados do mesmo extranho e divino clarão: o clarão suave da Esperança.

Parecerá demasiada curiosa a idéa de uma biographia de Pierrot, de Arlequim e de Colombina. Curiosa e extravagante... Mas é a isso que nos propomos. Conseguiremos realisal-o?

Sobre Pierrot, por exemplo, que dizem os commentadores de legendas? Abrimos um velho livro de França e damos com estas simples notas:

"O nosso Pierrot (isto é, o Pierrot do antigo theatro francez) tem a sua origem no "Pedrolino" das comedias italianas do seculo XVI. Esse "Pedrolino" foi resuscitado em 1673 por Giuseppe Girotore, em substituição a "Trivelin". Girotore fez delle um criado ignorante e ingenuo, papel que lhe deu um grande exito, sobretudo nas scenas em que jogava com o arlequim "Domenico" typo tambem celebre de buffão de pantomima. Morta a comedia italiana, Pierrot veio para o nosso paiz, apparecendo, então (1697), nos theatros de feira e na Opera Comica, bem como ainda nas interessantes parodias de Carolet, Fryelier, Le Sage e Panard. Nessa epoca, o Pierrot mais em moda era um certo Hamoche, que muito se assemelhava, no typo, ao famoso Gil de Natheau. Em 1769, Clarival fez, nos "Italianos", o Pierrot do "Quadro falante", de Grétry. A este Pierrot falante e cantante succedeu o Pierrot mudo de farça, criado por Deburan, nos "Funambulos"; continuado por Paulo Legrand, nas "Folies Wouvelles", por Séverin e outros, e cantado por Nodier, Jamin, Gautier, Champfleury e Bauville".

Alguns historiadores descobriram vestigios do romantico idealizador de Colombina entre os antigos phenicios. "Pacchus" era o seu nome. Quanto á origem de Arlequim, muitos autores asseguram — infirma o bom e honesto Larousse — que "ella remonta á mais alta antiguidade, onde já se encontra o buffão grego, o satyro mascarado na pelle de um animal feroz, tendo na mão uma varinha, na cara uma mascara, e a cabeça coberta com um chapéu, preto ou branco, representando o atheniense rustico, ridiculo e trocista. Este buffão grego metamorphoseou-se em Roma no "Maecus" e no "Buccus" dos "Atellanos", chamando-se mais tarde "Saunio" (de "sauna", troça, carantonha, escarneo), e apresentando-se em scena mascarado de negro, a cabeça rapada, vestindo um fato de pedacinhos de côres.

A Italia moderna aproveitou as proprias tradicções para criar o seu Arlequim, que completou pondo-lhe na mão uma espada de madeira, na cara uma mascara e na cabeça o chapéu do buffão grego. O antigo nome de "Saunio" parece ter-se perpetuado no

"Zanni", dado pelos italianos ao seu Arlequim. Esta personagem parece também ter sido, a principio, a personificação dos Bergamascos, como outr'ora fóra a do alleão atheniense e a do escravo romano, e como Pantalon e Scarpin se identificaram com os venezianos e os napolitanos. Depois de ter deliciado a Italia, o typo de Arlequim passou a divertir os outros povos, tornando-se, segundo o meio em que se acclimava, mais ou menos grotesco, cynico, imprudente, deslragado. E si em França, é amavel, espirituoso, jovial, asseiado, aventureiro, galante, em Hespanha é arrogante, intromettido, pimpão".

Colombina — acreditem... — é dos tres a que possui o romance mais vulgar! Os eruditos não sabem mesmo precisar-lhe a filiação... E, assim, ora a dão como filha de Cassandro, ora como de Pantalone... De qualquer maneira, porem, ella tem a sua origem na comedia italiana. E', por tanto, a mais joven do Lendo garrulo e patusco. Será tambem a mais sincera? "No lo cremos..."

"Vestida de branco, um avental verde, uma pequena touca á finãu cabecinha doctivanas", ella atravessou a Italia e não se dá com os seus companheiros e com elles vem fazendo, ha muito mais de tres seculos, a volta triumphal do mundo. Sobre o seu caracter não variam as opinões... Ella é a eternamente "coquette", a eternamente volúvel, a eternamente trefega e leviana. Ama a Pierrot, mas engana o torpemente — e o que é mais horroroso: por dinheiro — com o superior e deslavado Arlequim. Mas ella sera, realmen e, sincera no seu "béguin" pelo apaixonado serceteiro que lhe deve tantas horas amargas e a quem a sua inconsciencia fez revirar o juizo?

Por sua causa, Pierrot, que era tão bom e tão ingenuo, fez-se cruel e máo.

Au clair de la lune,  
Mon ami Pierrot!  
Prête-moi ta plume;  
Pour écrire un mot...  
Ma chandelle est morte.  
Je n'ai plus de feu.  
Ouvre-moi ta porte.  
Par l'amour de Dieu!

Au clair de la lune,  
Pierrot lui repondit:  
Je n'ai pas de plume.  
Je suis dans mon lit.  
Vas chez la voisine,  
Je crois qu'elle y est,  
Car dans sa cuisine  
On bat le briquet! . .

Não se poudc ainda apurar, ao certo, a verdadeira natureza dos sentimentos de Pierrot. Para uns, elle é um pobre idiota, um romantico exaggerado, um sonhador "demodé". Para outros, é um turbar o idyllio rendoso... Para outros, finalmente, é isto apenas: grande finorio: conhece das relações intimas entre a sua amada e Arlequim, e fecha os olhos, fingindo nada perceber, para não per-

um homem que ama, com loucura, a uma formosa mulher. O que já não é pouco, convenhamos...

\* \* \*

Mas na farandula ha varios typos, alem desses, cheios por sua vez de espirital interesse. Pantalone, por exemplo. Que dizem delle as chronicas?

Vejamos:

"Pantalone nasceu em Veneza. Tomou, naturalmente, o nome do patrono dessa cidade, São Pantaleão. Pantalone é libelinoso e avaro. Usa vestuario doutoral e um casaco guarnecido de botões. E' victima de todos os Arlequins de Italia e de todos os Scapius de França; confundc-se com o Bartholo da "comedia sostenuta"; passã pelo Jacquenim Sadot dos salimbancos francezes, para approximar-se dos Gorgibus e dos Sganarellos de Molière. Shakespare o descreveu no "Como vos agradar".

Outro personagem curioso do grupo é Scapin, que Molière naturalizou francez nas suas engraçadas e famosas "Velhacarias de Scapin".

Scapin é o criado astuto, velhaco e intrigante, "que defende os interesses de quatro namorados contra os interesses dos respectivos paes" — garante-nos um de seus biographos. Logra escapar ás consequencias de um atrevimento seu — bater em Geronte, pac de Hyacintho — lançando mão de um habil estratagemas: fazendo-se conduzir apparentemente moribundo á presenca do rei, e obtendo, desse modo, o perdão...

Um companheiro de Scapin que tambem caiu nas graças do genial Molière foi Scaramouche.

Tiberio Fiorelli, que foi o primeiro a usar o nome de "Scaramuccia", era filho de Sylvio Fiorello, o "capitão Matanouros".

Scaramouche era um mixto do capitão e de Arlequim, pallido como Pierrot, e tinha as sobranclhas muito negras, o bigode em parenthesis e sempre uma guitarra ao lado.

Mezzetin escreveu-lhe a "Vida", numa obra hoje classica, publicada em 1694, isto é, pouco depois da morte, em Paris, de Sylvio Fiorello, o creador do personagem.

\* \* \*

Eis ahí, em ligeiros traços, a historia de Pierrot, de Arlequim e Colombina, e de seus parentes mais proximos, tal como nos contam os velhos chronicistas.

Pierrot, Arlequim e Colombina, um com o seu olhar maguado e a sua face melancolica, outro com o seu sorriso meio desdenhoso e meio ironico, outra ainda com aquella sua sensual indifferença, que é antes uma innocente promessa, acabaram de bailar nestas paginas, ora graves, ora frivolas, tontos da mascarada que se annunciã, a dança comitragica do Destino.

"Pierrot... Arlequim... Colombina... Pantomima... Bonecos..." — dirão os leitores. E o panno cahirá lentamente, triste, sobre essas tres personagens mudas do eterno drama, como uma lagrima de Pierrot que Arlequim fosse colher, com voluptuoso cynismo, no seio em flôr de Colombina...

## TRISTEZAS DE NOIVA

No calix de uma violeta veio morrer um raio de sol, o ultimo que se apagava no crepuseulo. E a violeta enlutada, feita, assim, tumba de um raio de luz morto, ficou mais triste que a noite. O rócio constellou-a, depois, de gottas brancas como as lagrimas que banham o rosto da virgem dolorosa.

De subito, appareceu no jardim, que a luz de prata da lua beijava, a noiva linda a colher flôres e a violeta enlutada cahiu-lhe nas mãos. No meio do ramalhete que essa noiva fez, a violeta solitaria resplandecia na sua tristeza, como a estrella na noite.

— Não te parece que esta violeta é mais bella e mais triste que todas as outras? indagou a noiva, do seu promettido.

— E' o symbolo da tua belleza e da tua tristeza! respondeu elle. Deixa que eu a guarde, para me falar de ti.

Quem sabe se ella não é sepulchro de algum amor que se foi...

— Então, as flôres tambem amam?!

— Como não? Ha flôres que parecem almas de virgens mortas. Talvez, na vida obscura das coisas essa violeta tenha tino uma historia de mulher melancolica!...

— Como eu! pensava a noiva linda.

Ella, sim, tinha uma historia de flôr melancolica. Antes de amar este de agora, na sua alma tivera logar immenso, insuperavel, immortal, a imagem de um outro homem.

— Deixa que eu guarde essa violeta, symbolo da tua belleza, da tua tristeza, para me falar de ti! dissera elle.

Depois... Horas depois elle foi embora, com a lua a brilhar ainda no céu eseuo, sorrindo a todas as tristezas, e a noiva linda soluçou longamente, inconsolavel, alheia a todos os perfumes do ramilhete, abraçada a elle, olhando o vasio que ali deixára a violeta enlutada que o rócio da noite constellava de gottas brancas, quando ella a colheu.

# João Vidal & C.<sup>ia</sup>

Ouvidor, 87 = Rio

Telephone, 595 Norte

MOVEIS DE ESTYLO

*Antigo,*

*Classico*

*e Moderno*

DECORAÇÕES -- LUSTRES

MOVEIS DE COURO



## Um pouco de historia do carnaval

Em toda a antiguidade, os differentes povos instituiram festas alegres. Assim, os egypcios tinham as festas de Isis e do boi Apis, os hebreus a festa das sortes, os gregos as bacchanaes, os romanos as lupercaes e as saturnaes.

Festins ruidosos, dansas lubricas, formavam o fundo desses regosijos.

Por seu lado, os gaulezes tinham festas analogas, entre as quaes a denominada da "colheita do visgo", que se celebrava na quadra hibernal.

Depois da conquista, os seus usos e costumes confundiram-se com os dos romanos.

Essa necessidade de expansão subita para as inclinações grosseiras — commenta um grave autor — essa explosão de folia passageira agrada tanto ao homem que a Egreja não tentou oppor-lhe, nos primeiros tempos, nenhuma séria barreira.

S. Tertuliano, S. Cypriano, S. Clemente de Alexandria, S. João Chrysostomo, deveriam mais tarde, é certo, condemnar os prazeres bulhentos, "devassidão que procura abrigar-se sob a mascara". Mas, condemnando o abuso, a Egreja não trovejava contra as alegrias, como bem notou um historiador da época. Pelo contrario, procurou até dar uma satisfação innocente a essa necessidade natural, quer instituindo festas liturgicas, quer tomando a si a direcção das outras festas.

O Carnaval da infancia do christianismo começava a 25 de Dezembro e comprehendia as festas do Natal, do Anno Bom e de Reis.



SERENATA

# CASA INDIANA

## INAUGURAÇÃO DE SUA PRIMEIRA FILIAL



Damos aqui dois aspectos da inauguração da primeira filial da CASA INDIANA de propriedade dos Srs. A. L. de Souza & Cia. estabelecimento este localizado no Largo de S. Francisco nos. 24 e 26.

É realmente um estabelecimento modelar no qual os seus proprietários continuarão as mesmas tradições de sua casa matriz, não se poupando a sacrifícios em benefício de sua numerosa clientela que dia a dia vai aumentando cada vez mais.

Aos Srs. A. L. de Souza & Cia. apresentamos nossos cumprimentos, fazendo votos pela prosperidade de seu novo estabelecimento.

## POBRE "PENUMBRISMO"

Foi Paulo Geraldino, esse brilhante talento de humorista servido por uma intensa capacidade emotiva, quem inaugurou a moda das parodias ao "penumbrismo". Seu livro, o "Badalo Innocente", é, no genero, um modelo, bem feito e acabado. Outro parodista exímio é o que publicou, no "Correio da Manhã", sob o pseudonymo de "Mall'Armée", um poema a Blaise Cendrars. Dizem que se trata de um artista franco-italiano actualmente nosso hospede e nome de reputação nos meios artisticos da Cidade-Luz.

Egual a elle, na espontaneidade da "verve", é o leitor de "Frou-Frou..." que nos manda os seguintes versos, maravilhosos daquillo que os inglezes não hem baptisaram de sense of humour":

### BARCA DA CANTAREIRA

A barca de Nietheroe  
Com o moinho da sua roda  
Moe  
a agua,  
o mar,  
a Guanabara toda.  
Vão no arrastão  
Tainhas,  
Carapicús,  
Sardinhas,  
Rão, rão, rão, rão, rão, rão, rão, rão.

Dentro,  
Bem do centro  
Do coração metalico da Arca,  
Machinaria de barca :  
Eixos,  
Pistões,  
Emulo bigorna e malho  
N'um trabalho  
Apocayptico  
Grran, grran, grran, grran, grran, grran.

Da chaminé aspirala no céu  
Tuberculoso da laringe,  
Um cache-nez de fumo denso.  
Céu esverdeado,  
Mar esverdeado,  
O céu e o mar,  
O mar e o céu.  
E o cache-nez sempre a voar  
no ar.

E com elle, ao léo,  
Papel,  
Chapeu,  
Ponta de cigarro...

Subito — um grito  
Das entranhas do peixe que tem barbatanas de metal,  
E' um apito  
U... uu... uu... uu... uu... uu... uu... uu... uu...

Cantareira, cantareira  
Que bella que és com as tuas 14 barcas  
Que são 14 arcas,  
Esperando por 14 diluvios...

E a barca foge,  
Quasi não se vê.  
A vida é hoje  
A barca foge. E  
Desapa-  
re  
ce.

.....

Quem será esse exotico poeta mysterioso ? pergunta-  
rão de si para si, de certo, as leitoras. Não nos fica bem,  
desvendar-lhe o segredo. Contudo, aqui vae, para as nos-  
sas amiguinhas, a "deixa": é um rapaz alto, moreno. Usa  
oculos. Industrial. Filho de um illustre engenheiro.

As iniciaes ? Não é possivel... Lembremo-nos de que  
a vida é uma "floresta", onde a gente muitas vezes se  
perde...



Novidades em modelos

Distincção em fôrmas

a começar de 35\$000

**Ouvidor, 105 e 107**  
**RUAS; Uruguayana, 9 e 33**  
**Carioca, 38**

# No mundo artístico

## A arte na Photographia

**A**S photographias artisticas de interiores, menos commun do que as de paesagens, mas não menos interessantes e dignas de nota, constituem um genero ainda pouco explorado, principalmente entre nós. Nos paizes do norte, como a Inglaterra, onde a vida de interior — no lar ou no “club” — é muito mais intensa do que a vida das ruas, essas photographias têm um valor inestimavel, documentos que são da propria existencia intima do povo. Não nos esqueçamos de que tudo quanto sabemos da vida de outr’ora da Hollanda vem dos quadros delieiosos em que os mestres da sua pintura nos põem diante dos olhos os seus originaes e “charnants” interiores. O clima rigorosamente frio fez com que esse e outros povos das regiões septentrionaes preferissem a tranquillidade das suas grandes salas de paredes longas e rúas, junto a um fagão, ouvindo a leitura da Biblia, ou bebendo o seu calice de “bolz”, entre os parentes ou no “cabaret”, ao bulieio e ao atropello das ruas.

Já commoço não acontece o mesmo. Não que não adoremos a vida de familia. Pelo contrario. Sob esse ponto de vista, somos até “essencialmente domesticos” (desculpem-nos o plagio escandaloso). Mas, infelizmente, o calor só permite as nossas reuniões familiares... ao ar livre. E assim é que nós temos por habito nos reunirmos nas nossas tradicionaes varandas, cercadas de trepadeiras em flôr, e de onde costumamos gosar das delicias de uma bôa palestra, após ao almoço, ou do encantamento do nosso luar maravilhoso... quando faz luar. Nem por isso entretanto, deixa de merecer o nosso estimulo o genero de photographia artistica de que é objecto este artigo. A prova de que nós interessamos por elle e o desejamos ver desenvolvido e propagado entre nós está em que illustramos, hoje, a nossa pagina com um magnifico modelo do mesmo. Elle é, na sua simplicidade, ou antes na sua belleza, uma perfeição que bem merece mais do que um simples momento de attenção: elle merece ser divulgado, estudado, imitado. E com esse intuito que o estampamos. Os demais “elichés” desta secção não precisam de que lhes tracemos o commovido elogio, nem mesmo de que lhes façamos a protocollar apresentação.

Quem não se sente invadido de um “frisson nouveau” diante da plastica soberba dessas duas mulheres, uma das quaes apenas nos deixa ver — a egoista! — o seu delieioso e incomparavel busto?

As photographias de mulheres — de mulheres formosas bem entendido... — têm sempre, por mais banaes que sejam, um encanto inexprimivel e inedito. Como que em tudo tinha razão o magnanimo rei Francisco: “Souvent femme varie...”



RECANTO DE SALÃO



RELEMBRANDO MOMENTOS FELIZES...



SORRINDO... PARA NÃO CHORAR...

( Clichés gentilmente cedidos pela " Kodak Brasileira Limitada" )

# Bilhetes da Paulicéa

**J**USTAMENTE agora, vespéras de Carnaval, quando já se ouvem o gargalhar violento da farandola guialhante roncando-nos os onvidos em todas as vogaes e já atrôa os ares esse tropé de hallucinados que se approximam a berrar desmandibulados, aos pinchos e requêbros, justamente



agora o pseudo futurismo paulista são á rua para mais uma vez, proclamar o seu genio sem fim e a nossa ignorancia sem fundo.

Um rico fazendeiro paulista, amador de literatura nos momentos de ócio, houve por bem declarar, numa folha pesada e grave, que nós, paulistas, andamos sempre, em arte e literatura, lamentavelmente atrasados de cincoenta annos. E logo um outro cavalheiro do Rio surgiu aqui, trepado nas columnas de

uma "seção livre" e, invocando Thetys, Neptuno, as Nereidas, e outros deuses amphibios, além de Satanaz e do anjo Gabriel baten palmas ao rumoroso homem da hora certa, e disse umas coisas feias sobre as letras nacionaes.

Isso, afinal, não teria importancia de maior, se não fóra o proceder incoherente dos nossos incompreensíveis "futuristas, proceder extranho que se resume numa phrase dos "revoltados" e nos seus actos subseqüentes.

Quando foi da primeira "revolta dos anjos", ha tempos, no "Municipal", um dos mais autorisados porta-vozes da falange heroica berrou do canto do seu artigo: "Derubemos o Olympo! E expulsemos os deuses ao som de um "Zé Pereira" canalha!"

Foi o brado unanime e formidavel que rebentou da bocca dos incompreendidos! E quando todos imaginavamos ver o Olympo escalado por uma turba de literatos á bolshevista e anteviamos, o palaeio immenso ruindo numa derrocada phantastica escurrecendo o céu com a sua poeirada millenar e atroando os espaços com o fragôr de sua quéda; quando já se nos afigurava vêr Jupiter mais côxo que Vulcano por via de um calhão que lhe torcera as gambias e Venus com a "maquillage" estragada pela poeira, fugindo descabellada e em pello; quando esperavamos ver surgir Minerva dos escombros com o môcho em frangalhos e a sabedoria em trapos, e Marte justificando sua ausencia de "Gravidus" a fugir vergonhosamente com a lança feita sacacollas e o escudo feito tampa de caçarola; quando, enfim, anteviamos a côrte olympica disparando, aos pinotes, perseguida e apupada pelos Fenianos e Democraticos da literatura, foi com amarga decepção e justificado pasmo que constatamos este facto consideravel: a turba carnavalesca poz de lado o "Zé Pereira canalha" e deixou-se ficar no sopé do morro a fazer languidas serenatas aos doze deuses olympicos! E ahi, impotente para galgar o Empyreo, ora



invoca as graças de Venus, ora dispara um palavrão contra Jupiter; ás vezes supplica, outras vezes iapreca!

Como explicar-se taes incoherencias?

O articulista da "seção livre", orador popular dos "meetings" contra o Passado, achou de melhor aviso continuar acamaradado com as Thetys e as Oceanides e comparece deante de nós exhibindo suas relações divinas, fazendo venias ao vetusto anjo Gabriel, ao antigo Satanaz, aos remotinimos Tritões, e berrando, indignadamente, que o Passado é uma ignominia!

O autor da "Paulicéa Desvairada" não desgosta tambem de fazer suas digressões retrospectivas pelos dominios empoeirados dos tempos idos, e, então, vem-o airoosamente fazer o "seu futurismo", esbanjando, com mãos prôdigas, o taoísmo do IV seculo, a citar Kuang-Dzu e Ko-Kiuen, Kon-Fu-Tsen e Tsing-Di! E quando nós, com ironia e tédio, lhe falamos na Cosmogonia Chinezã ou lhe jogamos em cima "Confucio e o Materialismo" o "Livro Trimetico" e o "Li-Ki", os sacerdotes de Táo e os sectarios de Men-Tse, Lan-Tsé ou FI-O-Fó, o esguio crítico se arrepleta com horror e clama que é preciso matar se o Passado!



● autor das "Máscaras" precisando mascarar-se na sua columna social, correu para a Mythologia e de lá voltou com o filho de Hyperion e de Basiléa, da cujo nome se apoderou e a quem deseja, agora, expulsar do Olympo, provavelmente com um rabo de papel no coceix e umas pedradas na cabeça! Faz cantatas languidas á antiga Colombina, alinha versos sobre o macrobio senhor Dom Juan e, fiel á grey dos incompreendidos, prega, com furia, o assassinio do Passado!

O autor do artigo contra os paulistas, bêrra que estamos cincoenta annos atrasados mas enfia a mão avida no passado para — contradizendo-se a si proprio e desrespeitando as familias do bairro — arrancar os seus adjectivo da Grecia antiga e dar, na "Revista do Brasil", uma "homérica gargalhada", commetteado, assim, um duplo assassinio contra o futurismo e a decencia!

Ora, erêmos que todas essas incoherencias são absolutamente inexplicaveis! Se a psychiatria viu no futurismo de importação a diathése de uma degenerescencia nervosa, a ella cabe explicar esses casos pathologicos e teratogenicos que escapam, por completo, aos dominios alegres de uma chronica.

Registamos a incoherencia unicamente para declarar que não levamos a serio o "futurismo" desses senhores e para pedir-lhes, pela alma de Jupiter, o obsequio extremo de não mexerem mais nos nossos empoeirados figurões mythologicos.

Cantem, em versos livres a belleza da gazolina, façam odes á virgindade da telegraphia, tegam madrigaes á candura do "fox-trott", mas não se esqueçam das palavras sensatas daquelle profundo psychologo que foi La Bruyère, ao falar de Theophrasto: "Nous qui sommes si modernes serons anciens dans quelques siecle."

E principalmente, (ah! muito principalmente!) não digam nunca mais que são futuristas.



B. B. B.



Toda a gente me dizia que não deixasse fugir a oportunidade que se me apresentava, mas, minha mãe não queria saber disso. Apenas não se opporia se meu pae me fosse buscar á noite para me trazer para casa e se Anna me acompanhasse aos ensaios. Parece-me, porém, que mamãe não fazia tal para me contrariar nas pretensões, porque era quasi impossível attender-se ao que ella exigia. Mamãe o que tinha era medo de Mr. Cunningham, cuja representação profissional não era das melhores. Mas eu adulei-a tanto, tanto lhe pedi que ella, afinal, cedeu.

Estava Tommy, então com cachumba e mamãe, preocupada com isso, concordou, isto é, não disse que não. Foi um alvoroço. Toda gente de casa começou a trabalhar no preparo da minha roupa. Sem saber por quê nem que uso lhe havia de dar, pedi emprestada a Anne a boa de pennas.

E apresentei-me no theatro. Os ensaios eram horribéis. Mr. Cunningham fez-me repetir dezeseite vezes uma scena, em que eu tinha um trabalho materialissimo. Foi isso logo na primeira semana. A scena consistia em eu tirar as balas de um revólver que eu encontrava por acaso. Quando elle me disse "outra vez" fiquei furiosa.

Se o senhor tornar a obrigar-me a fazer isto, outra dia, eu não tiro as balas fique sabendo! exclamei.

Elle riu-se. Mais indignada fiquei com o rir delle. Fui para casa, e enterrei o rosto no travesseiro de Tommy a chorar. Elle julgou que ia morrer e por isso é que eu chorava, de maneira que o medo se lhe pintou, horrivel, no rosto.

Mr. Cunningham, afinal, conservou-me. E' ahí que a tragedia começa. Fizemos uma tournée e elle foi muito attencioso commigo. L'na ou duas vezes elle me disse que eu ainda aprenderia a representar, de maneira que fiquei por alguns dias com a cabeça no ar.

Havia ainda na companhia um cavalheiro, de nome Baldwin, que foi sempre muito amavel commigo, fazendo ambos longos passeios pela manhã, a comprar cartões postaes, nas

ciudades que íamos viajando, para mandar para casa.

Esse Baldwin contra-scenava commigo na peça de maior successo da tournée. Era no segundo acto, numa scena onde Mr. Cunningham, que fazia de meu tutor, nos surpreendia e me falava assim:

-- Hilda! Responda-me! Você ama este homem? Elle... Elle, é um bello rapaz.

Convem dizer que a platéa, a essa altura da peça, já sabe que o tutor ama Hilda, que sou eu, e que elle embarcará para a Africa se eu ficar com Baldwin.

Como é de suppor, o tutor é casado e o papel de esposa delle era feito por uma moça chamada D'Arcy, uma miss por quem na vida real Baldwin estava loucamente apaixonado, não falando de outra pessoa a toda hora.

-- Preferia que o senhor não fosse assim! disse-lhe eu um dia. Eu sei que ella é bonita e representa como num sonho, mas, isso tudo, ainda assim, não é caso para tanto.

A resposta delle chocou-me. Saiu-lhe assim, abruptamente:

-- Acha isso? E' por que é, então, que a senhorita anda sempre afflicta com o Cunningham?

Disse-me isto, mal humorado. Achei uma coisa tão absurda que voltei ao hotel sem tornar a falar-lhe.

Nessa noite, parece mesmo que por azar, aconteceu-me uma coisa terrivel, na scena do ultimo acto, numa scena em que nós estamos todos comendo, e a esposa entra sabiosa. O lanche começa com melão e eu tinha que dizer para Mr. Cunningham, assim que começava a comer:

-- Está tão amargo, como o senhor para mim esta semana.

Metti o melão na boca, e no momento mesmo em que eu devia falar uma dor horrivel me atacou os queixaes e pareceu percorrer-me o corpo todo. A lingua ficou-me, como que paralyzada e os dentes cerraram-se-me hermeticamente. Fiz toda a diligencia para engulir o melão mas não me foi possível, de modo que eu não pude falar para Mr. Cun-

ningham que olhava afflicto para mim á espera que eu lhe dêsse a deixa.

Por fim, tornou a resolução de me responder mesmo sem eu haver dito nada, o que causou risos abafados e o fez ficar furioso. O resto do acto, não obstante, correu bem. Na scena do "Adeus", quando elle partia para a Africa, para a guerra, ha um beijo na boca que elle como tutor tinha de me dar na sua despedida, e eu que já me havia lembrado de que o meu mal estar, de quando comêra o melão, não era outra coisa que o principio de uma angina, como tivera Tommy e me pegara sem duvida naquelle dia em que eu chorava no travesseiro do seu leito de doente, quiz avisar disso Mr. Cunningham para que elle me beijasse na testa, afim de se livrar do contagio maior. Essa scena, porém, era justamente aquella, que elle considerava a de maior culminancia para elle na peça, e não houve meio de me attender. Nessa noite, para maior horror meu, Mr. Cunningham beijou-me duas vezes!

Quando eu me abri com o ensaiador Hopper, quasi ficou maluco.

-- A senhorita com uma coisa dessas na garganta, vai ser o diabo na companhia? rosou elle por fim.

Depois, voltou a falar:

-- Pode ser que não seja angina, e seja apenas cachumba... De um modo ou de outro temos que dar um jeito nisso. O que eu lhe posso affirmar desde já é que não torno a dar mais a Cunningham papel para contracenar com actriz nova, quando elle andar assanhado com a peça, como anda agora com esta. Agora, temos que arranjar uma touca para a senhorita sair resguardada do theatro.

No dia seguinte, co miquanto eu não estivesse boa de todo não me achava tão mal e fui trabalhar.

Tornei a falar com o ensaiador:

-- Eu tenho o pescoço como o senhor está vendo. Inchado desta maneira. Venho lembrar que em vez do melão do ultimo acto o senhor faça servir bananas, que é mais macio para mastigar.

-- Mas o publico vai notar essa disformidade do pescoço.

-- Não nota. No segundo acto vou entrar com uma boa de pennas, que eu tenho ahí, e no ultimo arranjam-se umas fitas largas de mousseline e adaptam-se ao chapéu, para disfarçar. Vai ver como fica bem.

Hopper concordou, sem objecção alguma e o caso ficou resolvido assim. Tudo elle accitou sem o menor protesto ou máo modo, tendo me mandado, até, geléa e outras coisas para eu tomar. Melhorando sempre, dentro de algumas semanas estava boa de todo.

Um dia, Baldwin, estando a sorver a limonada, parou repentinamente e fez uma grande careta, na occasião da scena do tennis. Percebi o que acontecerá, e quando elle veio ao ensaio no dia seguinte appareceu com um lenço de seda amarrado ao pescoço.

Coitado! Estava mal. Estava ruim mesmo. Como eu nunca estivera, graças a Deus, Todos o lamentaram com muita pena. O ensaiador Hopper teve de tomar o seu lugar, de ensaiar por elle. Mr. Cunningham estava furioso. Olhava para elle como se o quizesse engulir vivo. Prometteu, entretanto, que não deixaria de trabalhar á noite.

Antes do espectáculo, Mr. Cunningham mandou-me recado para que eu fosse ao camarim delle.

Fui com medo, a tremer quasi, mas fui.

Mr. Cunningham estava em frente do espelho, tratando da caracterização. Quando eu cheguei fazia elle o cabelo grisalho no alto da cabeça. Para a frente e nas temporas estava prompto. Ao ver-me entrar, levantou-se cortezmente e puxou uma cadeira emquanto me dizia:

-- Tenha a bondade... l'm momento apenas... Só o tempo de eu acabar de me arranjar.

Sentei-me e passei os olhos pelo camarim. Tudo em desordem, como é de suppor. Notei que na parede, fronteiro ao espelho, mesmo defronte deste direi melhor, como para ahí se reflectir, havia um retrato numa moldura de prata.

Prestei maior attenção e vi que era de uma rapariga moça, bem moça, muito bonita, com um vestido preto muito chic.

— A namorada delle naturalmente! disse eu commigo.

Coisa susceptível de se pensar, porque elle sem duvida havia de namorar alguém, e a posição de destaque da moldura mettia-se pelos olhos de toda gente. Desviei os olhos do retrato e olhei para Mr. Cunningham.

Mesmo antes delle começar a falar, eu já sabia o que elle me queria dizer. Tinha um presentimento que não me enganava. Apertei as mãos, uma contra a outra, para evitar de chorar, com quanta força eu tinha, e senti calafrios da cabeça aos pés. Estava em summa com um medo terrível delle e ao mesmo tempo tentia uma vontade enorme de lhe endireitar o cabelo atrás.

— Ora bem, miss Leonor! começou elle voltando-se para mim e encarando-me bem. Vou dizer-lhe por que lhe mandei pedir para vir aqui. É simples. A senhorita tem representado muito doente e fatigada, e isso não está direito. O que é que a senhora sua mãe vae dizer de mim quando souber?



Era a peor coisa que elle me poderia ter dito, aquillo.

Reclinei-me para trás recostei a cabeça na poltrona e respondi soluçando:

— Eu sei, Mr. Cunningham! Eu sei que não tenho habilidade alguma para representar, mas, acho feio metter minha mãe no meio.

Elle tirou o retrato da parede e pôo ao pé do espelho.

— Nada disso, miss. Leonor. A senhora completamente enganada. A senhora sabe representar, retorquiu elle brandamente, e ahí é que está toda a difficuldade póde acreditar. É dever meu de lealdade falar-lhe assim. Mas esta vida de theatro é uma coisa horrível e eu gostava que a senhora recusasse a ella. Miss Leonor, a senhora é ainda muito creança e póde...

Não o deixei acabar.

— Já tenho vinte e um annos Mr. Cunningham interrompi então com um certo ar de desaffio.

Depois continuei, sem lhe dar tempo a reatar o que elle me estava dizendo:

— Provavelmente o senhor não tem gostado de me ver a representar com cachumba, mas se é por causa disso, o senhor bem sabe que as pessoas mais velhas também a têm. Eu não sou assim, já, tão creança como o senhor me quer chamar. Essa moça do retrato da moldura de prata não ha de ser muito mais alta do que eu nem muito mais edosa.

Não pude dizer mais nem esperar que elle me falasse.

Precepitiei-me para fóra do camarim, e no primeiro acto, a quando da scena chocante que ahí tinha com a esposa do meu tutor, estive sublime, creio eu. Chorei lagri-

mas a valer e obtive uma chamada do publico.

Mas eu confesso! Sentia-me extremamente infeliz. Innumerous pensamentos me povoavam a cabeça e os mais desencontrados sentimentos me dominavam. Um acima de todos e mais definido, mais certo, justificado ou não: um odio enorme por Mr. Cunningham!

Outra idéa fixa ainda: a de não voltar mais para casa!

Dias depois houwe uma nova catastrophe na companhia.

Devo dizer antes de tudo que logo no primeiro acto da peça havia uma scena de casamento, achando-se o palco armado com uma porção de mesas cheias de presentes.

Miss D'Arcy, de quem já falei devia de entrar e olhar para aquillo tudo e dizer:

— Como está este garfo sujo!

Depois dizer naturalmente:

— Aspargospickles?

Quando ella pronunciou "Pickles", olhou para mim, e eu vi a transformação que se lhe operou no rosto, até se tornar de terrível aspecto. Depois, disfarçadamente, deu uma especie de apertão no pescoço, como se nelle sentisse alguma coisa de mais, mas continuou a representar sem se dar por achada.

O acto foi decorrendo como de ordinario succedia e na scena era que nos encontramos ambas no fundo do palco, miss D'Arcy tornou a fitar-me, e então não se conteve

— Pequena ruim! disse-me ella, fingindo que me mostrava um castiçal... Você estragou a tournée. Esta noite mesmo eu conversei com Mr. Cunningham. Não posso mais

Os olhos della fuzilavam. Toda se contraia para se conter e não me dizer os desaffios que tinha, vontade de me atirar na cara.

Lembrei-me de que Baldwin, como já referi, estava apaixonado por ella e que elle mal curado se achava ainda da cachumba. Entendi que não devia deixar escapar a occasião para uma perfidia e aproveitei:

— Não precisa conversar com Mr. Cun-

ningham, disse eu pegando no castiçal e olhando para elle, de modo a não ser notado pelo publico. Eu vou para casa ainda hoje. Mas, de qualquer maneira, conversei ou não com Mr. Cunningham, sempre lhe digo que é bom não pensar ter sido eu quem lhe pegasse a cachumba. A senhora bem sabe que nós não estamos nunca juntas e nem sequer nos approximamos uma da outra. Deve ter sido Baldwin quem lhe pegou "isso".

Ficou feita uma bicha a tal miss D'Arcy quando me ouviu dizer aquillo. Não é que ella fizesse quaesquer manifestações do seu desespero, porque era muito finoria e não se queria dar por achado com aquella historia do Baldwin. Fez mesmo de conta que não comprehendêra a allusão. Mas eu digo e vi que ella ficou furiosa, porque nesse mesmo acto havia pouco depois uma scena em que ella tinha uma violenta explosão de colera e nunca miss D'Arcy a representou tão ao natural como nessa noite.

O proprio Mr. Cunningham olhava para ella satisfeitissimo com o seu trabalho.

Eu não dormi o resto da noite, decidida como estava a deixar a companhia.

As quatro horas da manhã tinha todas as minhas coisas arranjadas e emmaladas e preparei-me para sair.

Quando me dispunha a fazê-lo e me encaminhava para a porta que dava do palco para a rua e que era a serventia dos artistas, notei que era a serventia dos artistas, notei que no camarim de Mr. Cunningham havia luz. Espiei. Elle estava lá. Não saíra do theatro. Complicava-se com isso o meu plano de sair sem me despedir de ninguém, porque os stores da janella que deitava para o corredor por onde eu havia de passar estavam levantados e Mr. Cunningham andava passando, perto dessa janella, de cá para lá, de mãos nos bolsos e cabeça pendida.

Resolvi a situação caminhando pé ante pé e passando quasi de rojo encostadinha á parede de forma a elle não me poder ver pela janella.

Pensei depois na moça vestida de preto do retrato da moldura de prata, e, talvez por estar cansada e assustada chorei.

Foi um contentamento em casa quando eu cheguei, e os primeiros dois dias passei bem doente.

Os que se seguiram nada trouxeram de anormal e assim successivamente de modo que eu fui procurando varrer, tudo quanto se havia passado, do meu espirito, esquecendo a minha carreira no palco morta pela cachumba.

Passou-se algum tempo e a companhia regressou da tournée. Senti uma certa emoção, com isso, confesso, mas consegui libertar-me della sem grande esforço, affirmo também.

A estrêa da companhia annunciava-se para dahi a dias. Na vespera do dia marcado, vi entrar alguém na nossa casa. Só tive tempo de enconder um retrato, que eu tinha commigo, debaixo de umas mcias de Tommy que eu estava remendando, quando elle entrou.

Era Mr. Cunningham.

Apertei-lhe a mão e tentei logo enconder a cesta de costura onde eu puzera o retrato della.

Mr. Cunningham não se quiz sentar. Ficou ali perto, ao lado do fogão da sala. Olhou, por momentos, para mim, severamente, e depois falou:

— Leonor! Você é uma pequena endiabrada, má. O que quiz dizer essa sua fuga? Por que é que você fugiu?

— Não tinha outra coisa a fazer! protestei eu immediatamente. Estava ficando aborrecido, aquillo. Toda gente a apanhar cachumba, lá por onde muito bem entendia e a racharam commigo tornando-me culpada. O senhor não quer tirar o sobretudo e tomar uma chavena de chá?

Eu não sabia explicar por quê, mas quasi me faltava a respiração. Estava agitadoissima. Parecia-me estar com um medo terrível delle. Ferviam-me as mãos de tal maneira que mal pude deitar o chá na chicara.

Mr. Cunningham deixou-se cair numa cadeira e olhou em redor.

— Veja se ha no mundo alguma coisa

que se possa comparar com isto de estar em casa! disse elle muito serio estendendo as pernas para a frente. Sempre representei a senhorita na imaginação, assim: chá e remendos apassajados em meias, em logar de andar correndo Séca e Méca com uma companhia theatral.

Dei-lhe o chá, deitando-lhe um pouco de limão pois sabia que elle gostava disso, e não respondi nada ao que elle dizia.

Subitamente, Mr. Cunningham levou a mão ao ouvido esquerdo como se sentisse qualquer coisa ali, um pouco transtornado de rosto.

Olhei para elle e vi então que elle *tembem já estava!*

Esperei um pouco que elle estivesse em condições de me poder falar, e comecei:

— Senhor...

Olhou para mim perplexo e eu calei-me. Calei-me, porque só poderia fazer duas coisas. Ou desatar a rir ou a chorar. Chorar, eu não estava muito resolvida porque já chegava bem o que tinha chorado antes. Desatei, por isso, a rir. A companhia já não estava mais no dia marcado! E ri... Ri

muito, enquanto o grande Cunningham me fitava espantado. Ri até elle se aborrecer com o meu rir, e depois se desaborrecer e passar a rir tambem.

— Sim senhora! disse elle depois, quando enxugámos os olhos e tomámos folego. Nunga julguei que acharia graça a uma tragedia como esta! Já vejo que pôde fazer tudo quanto quizer commigo, miss Leonor!

Fiquei um pouco atrapalhada com a tirada delle mas depressa me repuzera, e pude dizer logo depois:

— "Isso" não ha de ser nada. Mr. Cunningham. Vae ver como ficará bom depressa e a companhia não retardará a estréa muito. "Os pilares da sociedade" vão fazer um successo, descance.

Era esse o nome da peça a que eu tenho feito tão repetidas referencias.

— Sim, sim... Naturalmente... Eu espero ficar bom depressa! disse elle approximando-se de mim. Mas, quer saber de uma coisa? "Os pilares da sociedade" é o que menos me importa de ha uns dias para cá... Só sei que me falta a dama, que preciso da

minha dama. Leonor! No dia em que você fez a partidinha de fugir fiquei furioso, não posso representar mais. Falando me lhor, não posso representar, não posso mais viver sem você! Você deitou-me bem as garras, Leonor, não tenha duvidas!

O que é que eu poderia responder a um homem que eu gostava e me faltava desse modo? Esqueci por completo que elle era actor e podia escur representando a maior tragedia da sua vida. Apenas me lembrei que elle era solteiro e eu tambem. Chegamo-nos mais um pouco, um para o outro, e esse tomou-me nos braços sem que eu protestasse muito nem pouco. Depois... Não me lembro do resto.

Anne, tempos depois quando se annunciou o casamento, e que me disse, a rir muito, que quando elle me tomou nos braços, me ouvira dizer-lhe:

Pode beijar-me a vontade, que eu não tenho medo. Já tive a cachumba e agora não se pega mais!

FIM

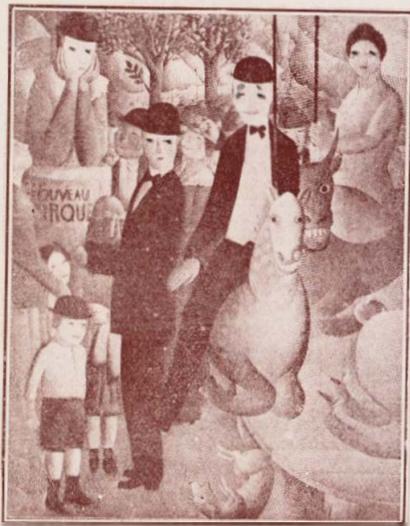
Mary Roberto Rinchart.

## A mulher e o futurismo

UM QUADRO DE OLGA SACCHAROFF NO "SALON D'AUTOMNE"

O elemento feminino é uma das grandes forças — das maiores — que estão operando a renovação da Arte, no mundo.

O bello e generoso movimento que, nas artes plasticas, se iniciou com a rebeldia



do incomparavel Cézanne e se continua com a bizarría de surprehendentes effeitos de André Lothe, tem em muitas mulheres o seu mais firme e decidido ponto de apoio. Na immensa e turbilhonante machina, pela qual se vae transformando o sentimento esthetico das multidões, as são motores dos mais poderosos, peq... o mais subido valor, engrenagens da maior effiçencia. Nós temos, no Brasil uma digna

representante da moderna corrente: a senhorita Tarsila do Amaral.

E para que as leitoras possam fazer uma idéa do novo pensamento e da nova sensibilidade artisticas reproduzimos o amor-quadro — "La fête foraine", com que Olga Saccharoff, uma das mais illustres sacerdotisas do extranho vulto, correu a ultimo "Salon d'Automne", de Paris.

## A moda dos chapéus

As damas gregas, para ir ao campo, usavam pequenos chapéus de palha da Thessalia. Como os gregos, os romanos prendiam os seus chapéus com uma correia, que lhes passava por baixo do queixo. Essa correia, lhes servia, tambem, para segurar o cabelo, quando elles o deitavam para traz.

Uma originalidade, apenas: os romanos, quando se encontravam diante de alguma pessoa de cerimonia, punham á cabeça immediatamente o seu chapéu. Era a maior prova de deferencia que lhe podiam dar.

## Mistinguett, a das pernas espirituaes...

Essa photographia de Mistinguett tem, na revista norte-americana de que a extraímos, este simples e curioso titulo:

*Mistinguett and her legs...*

Ella foi tomada momentos antes da famosa vedetta desembarcar em New-York,

cujos super-civilizados habitantes a sua arte prestigiosa e encantadora anda agora a envolver na teia subtil da sua extranha fascinação.

Mas para a nossa collega newyorkina Mistinguett é tão sómente "the famous French actress whose legs are said to be



the most beautiful the world, and re insured for £ 200,000...

Duzentos mil dollars! Quasi dous mil contos!

Eis quanto valem as "pernas espirituaes" da formigasinha bregeira de Paris...

Ah! os bons tempos de outrora, em que sonhava o pobre Villon tempos em que só havia cigarras, pelo mundo...



À SAÍDA DA MISSA

# - Futurismo e Passadismo -

## REFLEXÕES À MARGEM

*Eu não comprehendo lucta mais ingrata, mais infecunda, mais esteril do que essa que todos os dias se trava, nos jornaes do Rio e de São Paulo, entre os representant'es da antiga e da nova corrente esthetica, cada qual procurando lançar no ridiculo os adeptos da escola contraria.*

*Que nos adianta, por exemplo, que o sr. Menotti del Picchia escreva, em puro esgile "passadista", artigos e mais artigos contra os velhos mestres e os velhos modelos? E que tambem nos adianta que o sr. Oscar Guanabario encha todo um rodapé do "Jornal do Commercio", para negar talento a um rapaz que, de facto, o tem, e muito — o sr. Paulo Torres?*

*Ho nisse, sobretudo, muita insinceridade. Pergunto: é sincero o sr. Menotti quando se diz "futurista" e faz a apologia de Marinetti, elle que não comprehendu, porque não ponde ou porque não o quiz, o genio do formidavel renovador, e tanto não o comprehendu que nao lhe soube assimilar as idéas? Amanha — é uma hypothese — eu que nunca li Swedenborg, venho para a rua e grito a pleno pulmão:*

*— "Meus senhores! Swedenborg é o maior philosopho de todos os tempos. Elle fundou uma religião nova. A sua doutrina é excellente. Os seus principios valem ouro. Quem não seguir Swedenborg está fóra da lei, fóra da razão, fóra da humanidade. Só*

*Swedenborg é . Swedenborg. Sem Swedenborg não ha salvação!"*

*Quê diriam os senhores de mim? Ou melhor: que de mim fariam os senhores?*

*O caso Guanabario é, mais ou menos, egual a esse. Simplesmente porque "embirrou" com o sr. Ronald de Carvalho, que, aliás, é tão "futurista" (apezar de seus esforços) quanto o brilhante sr. Menotti, o venerando critico do "Jornal do Commercio" não se cansa de metter o pé a torto e a direito em todo trabalho de arte nova que elle proprio, segundo confessa, "não entende..." Assim aconteceu ao pobre do Paulo Torres.*

*Isolado num meio restricto, provinciano, de literatos — burocratas, literatos — medicos e literatos — engenheiros, sem fazer parte de nenhuma "coterie", sem pertencer a nenhum grupo, não teria ligacão com este ou aquelle, nem sendo discipulo de ninguém, Paulo Torres realisa, na sua "torre de marfim", uma obra serena e bella, em que ha uma grande e nobre preoccupação: fazer arte pura, fazer arte verdadeira. "fazer arte", em summa. Certo, elle não é um talento prodigioso, um phenomeno. Grande emotivo, elle não possui, entretanto, a profunda capacidade de emoção de um Verlaine, ou de um Baudelaire. Negar, por em, que elle seja um dos poetas de maior sensibilidade que o Brasil já produziu*

— é negar o sol, a lua, as estrellas. é negar a evidencia das cousas, é negar a Verdade.

A sua poesia é um tanto ou quanto extravagante? Concorro.

Mas não nos esqueçamos de que essa extravagancia é o unico rythmo dentro do qual pode agir, livremente, a sua descurada fantasia. Pô-la a perder-se seria romper o equilibrio necessario. seria dizer mais do que foi tão lindamente meditado. Veio, portanto, o ponto que nos preoccupa — a lucta entre as escolas — neste ponto: tem razão os "passadistas", os "futuristas"?

Não. Cada qual symbolisa uma epoca. E nada era mais ridiculo do que esses conflictos entre epocas. Contar-lhes um caso, de certo curioso e opprobrioso, de um velho de sessenta annos, que só abria a boca para falar de hoje!

— Mas de hoje!

Não, não era assim...

Mas ainda se tinha vergonha...

Hoje em dia. Qual! Já não se pode mais viver neste mundo!

A sua poesia era contra o "progresso", palavra que elle sempre pronunciava, sublinhando-a ironicamente. Telegraphia sem fio? Guerra chimica? Aviação? Phonographo? Transatlanticos? Grandes cuminhos de ferro?

Tudo invocação do diabo, tudo obra do demonio, tudo artimanhas de Satanaz... Si um telegramma lhe chegava cis mãos atrozado, rompia o berreiro infernal:

— O "progresso" só serve para arrancar-nos o dinheiro. Pois bem. Esse pobre homem quase enlouqueceu no dia em que, por pillheria, nós lhe mandamos retirar o telephone do escriptorio.

— Como é que, então, perguntou-nos elle, afflicto, vou eu cuidar dos meus negocios?

E batou a cabeça, envergonhado da sua fraqueza ante aquillo contra que tanto esbravejara, e resmungava, e blasphemava, dizendo de si para si, talvez, entre humilhado e despedido:

— Isso é mais uma arte de Lucifer...

Nos todos temos que viver, queiramos ou não, a hora actual, a hora presente. Por mais "passadistas" que sejamos — em litteratura em arte, em politica, em religião, em moral, em tudo — não podemos nunca fugir ao absoluto extranho e despotico dominio que sobre os nossos actos e sobre a nossa vontade exerce o meio ambiente.

Ao mesmo tempo, o culto intellectual pelo passado, pelas suas grandes figuras, pelos seus mais notaveis feitos, pelas idéas generosas com que elle illuminou, só denota, em quem o professa, uma nobre e artistica mentalidade.

Nós podremos admirar perfeitamente, as deliciosas "silhouettes" de Iragonard, sem contudo vestirmos as nossas mulheres e as nossas filhas á moda do seculo XVIII. Não é assim, sr. Oscar Guenabiarino?

Não é assim, sr. Menotti e'l Picchia?

MARIA DA GRAÇA.

## Uma interessante reconstituição historica

Para um "film" extrahido do romance de Arthur Bernède — "Mandrin" — cinematographistas francezes leva-



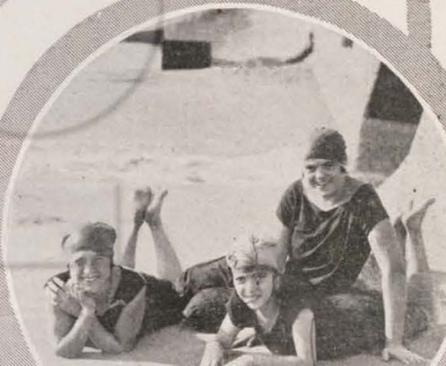
ram a cabo uma interessante e perfeita reconstituição historica da côrte de Luiz XV.

Nas gravatas que publicamos pode-se admirar duas scenas dessa obra curiosa de paciencia, de arte e de evoca-



ção: uma, em que apparece a "la Camargo", uma dançarina celebre da epoca, dança para os convivas do general Bouret d'Etigny; outra, em que se reproduz um concerto "chez" Mme. de Pompadour, no castello de Fontainebleau, em presença do rei.

# O ENCANTO DAS PRAIAS



As caricatas são grandes, o maior encanto das lindas praias do Rio maravilhoso. São ellas que, manhã cedo ainda, as invadem em bandos alegres, divertindo-as de vida, de graça e de formosura, como num quadro grego, ou numa pastoral de Watteau os perfis leves e ondulantes das quadryádas. Na orla banhada sempre de sol do Atlantico, em Copacabana ou nos recortes suaves da Guana'ara fascinante, em Botafogo, no Flamengo, ou do outro lado, em Icarahy, ellas são como visões de deslumbrante belleza, prendendo, captivando o olhar dos homens

# O REI QUE INVENTOU

O  
BAILE

DE

MASCARAS



Eu tenho uma paixão louca pelos bailes de mascarar. Talvez as senhoras não acreditem, mas é a expressão pura da verdade.

Mas eu não gosto dos bailes de mascarar somente pela doce felicidade que elles me trazem ao espirito, como numa linda mão-sinha muito branca uma pitada de cocaina. Os bailes de mascarar têm, para mim, a sua face dolorosa, a sua face humana.

Um dia — isso foi ha muito tempo — elles se encontraram, um esbelto, elegante, irreprezível no seu Pierrot verde-pallido, outra encantadora e deliciosa no seu discreto dominó de setim negro. Um *one-step* — ainda não se havia inventado o *shimmy* — um *one-step* aproximou-os. Elle se sentiu feliz ao enlaçar aquelle lindo corpo de mulher. Ella se sentiu orgulhosa de ver-se admirada por um homem tão amavel, tão fino. Uma hora depois eram como si fossem bons e velhos camaradas. Apenas um teve o escrúpulo de não indagar o nome do outro. E para que? Não era melhor que lhes dourasse o idyllio daquela noite um pouco de delicioso mysterio? Não era melhor, para embriaguez de seus espiritos e para exaltação de seus sentidos, que elles fossem um deante do outro a chimera que não se attinge, o enigma que não se decifra, o ideal que está sempre fóra do alcance das nossas mãos? Como elles não se amariam, mais tarde, ambos envoltos nessa adoravel penumbra, nesse segredo que, sendo um crime, era tambem uma redenção!

Elle pensava:

— Eis a mulher que me fará esquecer, com o simples arrullo harmonioso de sua voz encantadora, os soffrimentos horrosos da monotonia, a tortura sem nome da vulgaridade, a humilhação degradante do dia—a—dia!

Ella pensava:

— Eis o homem que me consolará das decepções grosseiras do matrimonio. Guiada pelo seu amor, eu purificarei os meus pensamentos e santificarei, no meu coração, o fogo de volupia que sinto arder em minhas entranhas, mas que o meu orgulho abafa! Elle será, para mim, mais do que um impulso do sexo: será a escada luminosa para a Perfeição. Só elle me fará digna de viver e me dará a ventura de saber esperar tranquillamente o crepusculo que não demora em viver, com o seu cortejo de sombras! Ah! a pequena comedia sentimental daquela noite, naquelle baile, comedia cujo epilogo foi mais triste, doloroso, do que o mais triste, doloroso, dos dramas... A madrugada os encontrou na terrassa, sob a protecção perfumada de uma trepadeira em flôr. Foi essa a hora—terrivel, a hora—fatal, a hora—tentação, a hora—diab!

Ella tremia toda, como que adivinhando o desenlace pungente. Elle, tambem tremulo, não occultava a sua emoção.

Foi quando jogaram a ultima e lamentavel scena:

— Er: sou...

— Ah!

E nunca mais aquelle Pierrot verde-pallido e aquelle dominó de setim negro se encontraram na vida, elles que sempre viveram juntos, separados, no entanto, pela mais cruel das ausencias: o desdem...

Um dia tambem — e isso foi ha muito tempo... — eu a vi num baile de mascarar, mais joven ainda e mais faceira na sua vestimenta de camponesa húngara. Que linda! Todos sorriam só de vela. E, só de vela, eu lhe sorri...

Mas ella, quando eu lhe disse pelos labios o meu deslumbramento e o meu amor, veio ter até o meu canto, tomou-me das mãos e contou-me a sua historia:

— Elle partira na vespera para nunca mais voltar, nunca mais! Deixara-a triste e soffredora, sem que uma unica palavra ao menos lhe pudesse, nesses primeiros dias amargos, suavisar-lhe a amargura do abandono. Breve, romperia o escandalo. Saberiam todos da sua fraqueza, que certamente chamariam de levandade. E todos a condemnariam, sem piedade, sem indulgencia, sem dó.

Ella estava alli para suffocar as lagrimas...

— Que fazer, meu bom amigo? Morrer!

— Não, minha doce amiga: viver!

E ella se afastou de mim, baixando a cabeça num gesto tão resignado, tão humilde, que eu tive a sensação de ver diante de meus olhos, naquella hora, naquella baile, a pobre Monique Lerhier das primeiras desillusões e dos primeiros soffrimentos...

Um dia — e isso foi ha muito tempo — eu conversei com o meu amigo num baile de mascarar, entre *whisky and soda*, no "buffet", e um tango argentino — *El luserfano*, ou *Razon 5º*, não me recordo bem — no amplo e soberbo salão illuminado.

— Fulana?

— Ainda não a viste?

— Não.

— A mesma... Deve estar por ahí, dançando com um qualquer desses meninos... Veiu fantasiada de *Ba-ta-Clan*...

Houve um silencio penoso, que eu, porem, corajosamente rompi:

— Não sei como a supportas... Ou por outra: como lhe supportas as attitudes, os modos...

Fulana já está em idade de ter juizo...

O meu amigo olhou-me bem fundo nos olhos. E assim me disse:

— Talvez ignores tudo. Ella não é só futil e leviana. E' muito mais do que isso: é deshonesta. Atraiçoa-me com todo mundo: até com o meu proprio "chouffeur"!

— Por que, então, não te separas della?

— Porque não posso! Ella é tudo para mim! A vida? Mais do que a vida! Muito mais! Eu não saberia viver um instante longe della, ou sem ella. Que queres? E' o destino... Não te lembrás da velha canção, onde se aconselha a um homem que surprehen-deu a esposa em flagrante delicto de adulterio — que a esquecesse? E não te lembrás da resposta do pobre coitado?

"Esquece-la? Não posso! Matal-a? Que vale viver sem ella?" E esse o meu caso, meu amigo.

E sorrindo amarelo:

— Um caso liquido, como vê...

Eis porque, minhas excellentes amigas, eu tenho uma paixão louca pelos bailes de mascarar. Não pelo que encerram de futil, de irrisório, de vaidoso. Mas pela sua face dolorosa, pela sua face humana.

As senhoras conhecem a origem do baile de mascarar? Não! Pois eu lhes vou contar.

Quem inventou o baile de mascarar foi o bom Carlos II, o *Bello rei* de França, senhor poderoso pela extensão de seus Estados, pelo numero de seus vassallos e pelo esplendor de seus thesouros. Foi na sua corte, então uma das mais brilhantes de Europa — elle era filho de Carlos I, o *cabido*, e de Joanna de Navarra — que pela primeira vez Colombina, e Pierrot, e Arlequim, e Pantalone, e Scapin, dançaram as suas danças predilectas.

Esse genero de festas logo se popularisou por todo o continente, augmentando a fama de Carlos II, que era, aliás, o mais joven dos soberanos de seu tempo.

Um bello dia, num Carnaval de não sei bem que anno, o pobre monarcha preparou no seu palacio dourado um grande baile sumptuoso. Nessa noite, mataram-n'o a punhaladas. Elle estava vestido de urso.

Mathias d'Agres.



S. EX. DR. CARLOS DE CAMPOS  
Futuro Presidente do E. de S. Paulo

# NOVIDADES DA SEMANA



A travessia da baía Guanabara a nado. Os vencedores transportados em triumpho



Lindo grupo de gentes senhoritas no baile á fantasia do Hotel Paineiras do Corcovado



RIO SAILING CLUB  
Festa campestre em colônia inglesa

Bloco do Pírolito de Copacabana

CLUB DE REGATAS GRAGOATÁ

Baile á fantasia



Homenagem da colônia Hollanheza a S. Ex. o Sr. Ministro da Hollanda



Praia das Flexas. Banho de mar á fantasia



# UM INQUERITO LITERÁRIO

Dois jovens escriptores francezes, Pedro Varillon e Henrique Rambaud, fizeram ha pouco, entre os novellistas, poetas, autores dramaticos e criticos das ultimas gerações, um inquerito que se resumia na seguinte pergunta :

— Qual o mestre que mais influiu sobre a sua vocação literaria, e porque ? Quaes, na sua opinião, as influencias que assignalam o rumo da literatura contemporanea, e que pensa do exgotamento ou da renovação, possível, dos generos tradicionais ?

Uma duas dezenas de interrogados responderam, e as suas respostas acabam de ser reunidas em volume, á margem do qual Luciano Maury fez na *Revue Bleue* interessantes commentarios.

— Quem diria — exclama elle, estupefacto — que a juventude, e sobretudo a juventude literaria, é ingrata ? Conhecem-se gerações irreverentes para com os mestres, promptas a sahir o jugo da admiração e a renegar as mais seguras influencias.

Conhecem-se tambem gerações presumptuosas, ébrias de independencia, um tanto loucas e capazes de, com sua audacia, escandalisar os "pontifices".

Tal não é o caso da juventude de hoje. Já não ha "pontifices"; ha sómente genios bons, cujas pégadas se seguem piedosamente : os mestres são os mestres ; lisongeia-se-os, julga-se-os com benevolencia, ou antes com humildade e talvez com algum discernimento.

Tinhamos uma juventude equitativa, e não o sabíamos. Os Srs. Varillon e Rambaud nol-o ensinam, e, para que ninguém o ignore, consignam as declarações detalhadas dos nossos principiantes em letras, e seus protestos de lealismo, e seus juramentos de filial obediencia.

Esse "inquerito sobre os mestres da joven literatura" é prodigiosamente edificante e rehabilitará, aos olhos dos espiritos tímidos, uma época por muito tempo calunniada e facilmente tida na conta de turbulenta, tranquillizando as alma inquietas, que certo Dadá havia espantado. Gragas a Deus e ao prestigio indiscutível de algumas obras, a nossa literatura não se acha ameaçada de uma revolução violenta ; ella continua sob os auspicios da trindade Barrés-Bourget-Maurras. Uma divindade em tres pessoas — que os "novos" põem á mesma altura em seus santuarios — preside os destinos da Franca literaria de hoje... e de amanha. Esses rapazes todos tem mestres ; alguns mesmo os têm em demasia, detentores de um "trust" de grandes homens e reivindicadores, em bloco, de uma heranca fantastica.

Todos participam de uma especie de apotheose da literatura anterior a 1914. Mas faes triumphos podem ser duraveis ? O movimento natural da vida condemna os á instabilidade. Os mestres não são igualados senão por innovadores robustos, elles bem o sabem. O orador que oriente, em breve, a nossa literatura, soffrerá, soffrerá influencias, mas não será um discipulo.

As piedosas respostas que nos revelaram Varillon e Rambaud illuminam os dias que se seguirão a um dia em pleno apogeo. Inquietariam, entretanto, si não fosse permittido suppôr que a emoção dos mais eloquentes denuncia a imminencia de um adens. ... Não vamos encontrar a confissão disso na affirmação, varias vezes repetida no decorrer do inquerito, de que as admirações e mesmo as predilecções literarias não significam nem docilidade excessiva, nem sequer a acceptação de um canon qualquer ?

Varillon e Rambaud dirigiram-se a uma juventude feliz, favorecida pelas circunstancias, e que não teve de sustentar lutas como as em que se empenharam seus maiores".

Seria interessante fazer-se, no Brasil, um inquerito dessa natureza...

Certamente, os nossos jovens homens de letras, longe de imitarem o deploravel exemplo de seus collegas de Franca, desancariam os velhos mestres, passando-lhes tremendissimas descomposturas.

E si, quando outro merito não tivesse, a "enquête", teria esse : de desopilar o figado da gente, coisa que, neste maravilhoso paiz, só o conseguem os literatos e os politicos.

## O MEDICO EMPÍRICO E OS HOMENS FETICHES

A creença na origem sobrenatural das enfermidades nos povos de costumes primitivos faz que entre elles se conceda ao homem fetiche — medico, sacerdote e feiteiro — um logar respeitabilissimo em cada comunidade. Dos karenos, por exemplo, diz-se que "quando uma pessoa está doente essa gente — os homens fetiche — se compromette, mediante remunerções de certa importancia, a dizer qual é o espirito que provocou a enfermidade, indicando que offerenda se deve fazer para o aplacar".

Entre os araucanos, o medico, depois de haver passado por uma especie de extases, real ou simulado, durante o qual suppõe haver estado em comunicação com os espiritos, declara a natureza e o logar da enfermidade, e começa a medicar o paciente, esfregando-lhe ao mesmo tempo o logar enfermo, até ao momento em que diz haver sahido o que causava a doença, e o mostra em triumpho. Geralmente é um aranha, um sapo ou qualquer outro reptil que o medico, para o effeito, escondia na mão.

Estes factos demonstram que a união de duas funções é um facto normal nas sociedades primitivas. Quando as doenças não são procuradas por denses colericos, julga-se que provem de demonios que habitam no corpo, e como elles tornam o corpo inhabil para tudo, é necessario expulsal-os e desterral-os, invocando espiritos superiores.

Os curandeiros de que tratamos, dividem-se em varias categorias. Uns inclinam-se para encantamentos e não crêem senão em fórmulas e talismans. Outros preconizam drogas. Mas, muitas vezes, faz-se uso simultaneo de meios naturaes e sobrenaturaes, o que indica, provavelmente, que o medico primitivo empyrico e accidental, que ministra remedios que agem physica ou chimicamente, é um precursor do medico profissional de hoje.

Na China, este curioso parentesco entre o adivinho e o medico desaparecem quasi por completo, abundando os galenos que empregam uma pharmacopéa heroica extrahida de diversas plantas cujos effeitos produzem no corpo sensações fortes e muitas incidencias comicas, excepto para o enfermo, de que transcrevemos uma, conforme nos foi contada.

Perguntaram a um chinês residente em S. Francisco da California se no seu paiz havia bons medicos.

— Muito máos, respondeu, mas ha um muito bom, o Dr. Ping, que me salvou uma vez a vida.

— Devéras ! E como foi ?

— Ola, como foi ! Eu taba um pouco enfelmo, não é ? Fiz chamal o doutor Hong Tu. Leceitou-me uma dloga. Bebi. Fiquei peol. Fiz chamal o doutor Fon-Yen. Leceitou-me outra dloga. Tomei-a. Vilei quasi defunto. Que susto ! Fiz chamal o doutor Ping. Lespondeu que não podia vil, a seguil. Demolou... demoio... e pul fim como elle não pôde vil eu me culci...

## AS BELLEZAS DO THEATRO



Vera Freeman é uma das mais bellas e graciosas vedettas londrinas. A sua celebridade data de pouco tempo, mas já é enorme, principalmente, como é natural, nos circulos onde a gente... finge divertir-se. "When My Ship Comes Home" foi a revista que popularizou o seu nome, como "London Calling" e "Tamarisk Town" foram aquellas em que ella teve melhor oportunidade de exhibir o seu talento... e a sua plastica. Agora, em "Russian Blues", Vera Freeman está, de novo, perturbando o sangue dito frio, gíacial, dos subditos de Jorge V. . .

## CLÓ

(UM CONTO CARNAVALESCO de Lima Barreto)

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava á meza. Não lhe era agradável aquella sociedade com desconhecidos mas que fazer naquella segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm todas as mezas occupadas e as ceremonias dos outros dias desfazem-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajeitados sujeitos sem attractivos, o terceiro convivia resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se á vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo scismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho habito. Se fosse um dia commum, estaria cercado de amigos, mas, os homens populares, como elle, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito, para os frequentadores das ruas celchres, cafés e confeitarias, nos dias communs; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, dos suburbios, das provincias vizinhas, abafa aquelles e como que os afugenta. Contudo não se sentia deslocado...

A quinta garrafa já se esvasiara e a sala continuava a encher-se e a esvasiar-se, esvasiar-se e a encher-se. Lá fóra, o falseto dos mascarados em trote, as longas cantilenas dos cordões, os risos e as musicas lascivas enchiam a rua de sons e ruidos descontraídos e, della, vinha á sala uma satisfação de viver, um fremito de vida e de luxuria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo, bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse fremito de vida e luxuria que faz estremecer a cidade nos tres dias de sua festa classica, naquelle momento, diminuia-lhe muito as grandes maguas de sempre e, sobretudo, aquella teimosa e pequenina de hoje. Ella o puzera assim macabuzado e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxuria dos outros, em segunda-feira gorda.

O "jacaré" não dera e muito menos a cenheta. Esse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco — doce esperança que se esvaia amargosamente naquelle crepusculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera elle, dr. Maximiliano, para fazer-lhe brotar no seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Que chumas de interpretacoes, de palpites, de exames cabalísticos! Elle bem parecia um augur romano que vem dizer ao Coronel se deve ou não offerecer batalha...

Logo que ella lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquelle navegar precavido dentro do nevoento mar do mysterio, marcando ruído para aquelle ponto — o "jacaré" — onde encontraria socego, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quasi, e com debéis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bisnagas, "confetis", serpentinas, alugar automovel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar, sabbado proximo, na rua do Ouvidor, em toda a plenitude de sua belleza, feita (e elle não sabia como) da rija carnadura de Italia e de uma forte e exotica exhalação sexual...

Como havia de dar-lhe o vestido? Com aquelle seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia, por aquellas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de belleza.

Elle viu alguns poetas conhecidos, quiz chamal-os, mas, pensando melhor, resolveu continuá-l-os.

O velho dr. Maximiliano não se cansou de observar, um por um, aquelles homens e aquellas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões moraes; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou elle a curiosidade e a inveja com que um grupo, de modestas meninas dos arrabaldes examinava a "toilette" e os ademanos das mundanas presentes.

Na sua mesa, attrahindo-lhes os olhares, lá estava aquella formosa e famosa Eponina, a mais linda mulher publica da cidade, producto combinado das immigrações italiana e hespanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atenções, de promessas e de volupia.

E o velho lente olhava tudo aquillo pausadamente, com a sua indulgência de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquelle

seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dôr, amaciada pela musica, pelo canto, pelo riso e pelo alcool.

Pensou, então, em sua filha, Clodia — a Cló, em familia — em cujo temperamento e feição de espirito, havia estofo de uma grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne velludosa e palpitante, do seu amor ás dansas lubricas, do seu culto á "toilette" e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, elle a viu coroada de héra, cobrindo mal a sua magnifica nudez, com uma pelle mosqueada, o ramo de tyro erguido, dansando, religiosamente bebida, cheia de furia sagrada de bacchante: "Evohé!" "Baccho!"

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos, quando a Eponina ergueu-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rogo da Silva que, em companhia do marido e da sua extremosa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa meza ao longo.

O doutor Maximiliano, ao ver aquellas joias e aquelle vestido, voltou a lembrar-se de que o "jacaré" não dera; e reflectiu, talvez com profundidade, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que elle tinha posto no mundo um exemplar de mulher assaz viciosa e delicado como era a filha? De que mysteriosa cellula sua sahira aquella floração exuberante do fema humana?

Vinha delle ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquella sua carne apaixonada e sedenta que trepidava quando lhe recebia as lições de piano, na casa dos paes?

Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de idolo peruano, duro, sem mobilidade alguma na physionomia, acobreada, onde o ouro do ardo do pinez-nez reluzia fortemente e illuminava a barba cerdosa. Era um homem forte, de largos hombros, musculoso, thorax saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, era assim mesmo um bello exemplar da raça humana.

Lamentava-se que elle fosse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intellectual, de malleabilidade, de ductilidade, a sua fraca capacidade de abstracção e de bil poder de associar idéas não pediam fosse elle deputado e bacharel. Elle seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Camara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aquelles fortes arcos de ury que despejam frechas hervadas com cururo.

Era o seu ultimo amigo, entretanto o mais constante commensal de sua meza luculesca.

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava com muita galhardia e liberalidade uma feitoria mansa do Norte, as salas bargezas; e, apezar de casado, a filha do antigo professor, a lasciva Cló, esperava casar-se com elle, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor illustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre tais projectos; não os approvava, nem os reprovara. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fosse effectuado sem a benção do sacerdote do Sol ou de outro qualquer.

E se isto fazia, era para não precipitar as cousas; elle gostava dos desdobramentos naturaes e encadeados, das passagens suaves, das inflexões doces e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui? fez o rico parlamentar sentando-se.

— E' verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu sacrificio, rezando a minha missa... Já a quinta... que toma, doutor?

— Um "madeira"... Que tal o Carnaval?

— Como sempre

E, depois, voltando-se para o caixeiro:

— Outra cerveja e um "madeira", aqui, para o doutor. Olha: leva a garrafa.

O caixeiro atastou-se, levando a garrafa vasia e o doutor André perguntou:

— D. Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as desenhaxidas... Ficaram, ella e a Cló, em casa a se prepararem para o baile a fantasia na casa dos Silvas... Quer ir?

O sr. vai?

Não, meu caro senhor; do Carnaval, eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa mu-

sica selvagem e syncopada de recos-recos, de pandeiros, de bombos, desse estridulo de fahnosos instrumentos de metaes... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz-me bem á alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina.

— Deve-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entretanto, irei á sua casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O senhor devia também ir.

— Fantasiado?

— Que tinha?

— Ora, doutor! eu ando sempre com a mascara no rosto.

E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não comprehender e observou:

— Mas, a sua physionomia não é tão decrepita assim. Maximiliano ia objectar qualquer coisa quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao tempo em que Mme. Rogo da Silva levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade e em pizo.

O parlamentar olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo póde. Ouvia que ao lado diziam, — á passagem dos tres: "ménage á trois". A sua simplicidade provincial não comprehendeu a maldade e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa!

— Jantamos; e o doutor não quer jantar commosco?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje.

Tenho um compromisso serio... Mas fique certo, que, antes de sahirem, lá irei tomar um wiskeisinho... Se me permite?

— Oh! doutor... O senhor é o nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá falam no senhor. Isabel levanta-se a pensar no doutor André; Cló, essa, nem se falla! Até o Caçula quando o vê, não late; faz-lhe festas; não é?

— Como isso me cumula de...

Ainda ha dias, Izabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi um Chambertin como esse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de côr; e, de tanto repeti-lo, creio que sei de memoria varios trechos delle.

A face rigida do idolo com grande esforço, abriu-se um pouco; e elle disse, ao gesto de quem quer o contrario:

— Não vá agora recital-o.

Certo que não. Seria inconveniente, mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, bellas imagens e uma forma magnifica.

— Sou principiante ainda, por isso não me fica mal aceitar o elogio e agradecer a animação.

Fez uma pausa, tomou um pouco de vinho, e continuou em tom conveniente:

— O senhor sabe perfeitamente que especie de força me prende aos seus... Um sentimento acima de mim, uma solicitação, alguma cousa a mais que os senhores puzeram na minha vida...

— Pois então, interrompeu, cheio de commoção, o dr. Maximiliano: á nossa! Ergueu o copo e ambos tocaram os seus, restando o parlamentar a conversa desta maneira:

Deu aula hoje?

Não. Desci para espairecer e "cavar". E' dura esta vida... "Cavar"! Como é triste dizer-se isto! Mas que se ha de fazer? Ganhá-se uma miseria... Um professor com oitocentos mil réis o que é? Tem-se a familia, representação... Uma miséria! Ainda agora, com tantas difficuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...

— Que idéa! Onde aprendeu isso?

— Sei lá! Elia diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estúpida no leiteiro... São banhos de ouro, é que são! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no "jacaré"... O caixeiro passava e elle recomendou:

— Ralômero, outra cerveja. O doutor não toma mais um "madeira"?

— Vá lá. Ganhou, doutor?

— Qual! E não imagina que falta me fez!

— Se quer?

— Por quem é, meu caro; deixe-se disso!

Então ha de ser assim todo dia?

— Que tem!... Ora... Nada de ceremonias; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso... Nada disso...

Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bella nota, cujo valor nas algibeiras do dr. Maximiliano fez-lhe esquecer em muito a sua desdita no "jacaré".

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se despediu, reiterando a promessa de que iria até á casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma

garrafa e acabada que foi a cerveja sahio vagarosamente um tanto tropego. A noite já tinha cahido de ha muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, rufando, batendo, gritando desesperadamente. Florens e mulheres de todas as cores — os alherces do paiz — vestidos de meia, canitares e enduapes de pennas multicores, fingindo indios, dansavam na frente, ao som de uma zumbada africana, tangida com furia em instrumentos selvagens, roufenhos, uns, estridentes outros. As dansas tinham luxuriosos requiebrs de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevisitas. Aquelles fantasiados tinham guardado na memoria muscular velhos gestos dos avoengos, mas não mais sablam coordenai-os nem a explicação delles. Eram restos de dansas guerreiras os religiosas dos selvagens de onde a maioria delles provinha, que o tempo e outras influencias tinham transformado em palhaçadas carnavalescas...

Certamente, durante os seculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados se podiam lembrar daquellas ceremonias de suas aringas ou tabas, pelo Carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos e estes estavam ali a observar a com as deturpações.

Elle, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de musica, antigo professor de piano, para poder viver e formar-se, deteve-se um pouco, para ouvir aquellas bizarras e barbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquella gente. A phrase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingenuos. Um instante elle pensou em continuar uma daquellas cantigas, em completal-a; e a aria veiu-lhe inteira, ao ouvido, provocando o antigo professor de musica a fazer parar o 'Chuveiro de Ouro', afim de ensinar-lhe, aos cantores o que a imaginação lhe havia trazido á cabeça naquele momento.

Arrependeu-se que tivesse dito gostar daquella barulhada; porém, o amador de musica, vencia o homem desgostoso. Elle queria que aquella gente entoasse um hymno, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para que? Corresponderia a musica mais ou menos artistica aos pensamentos intimos delles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e cores?

E devagar, se foi indo pela rua em fóra, cobrindo de sympathy toda a puerilidade aparente daquelles egars e berros, que bem sentia profundos e proprios daquellas creaturas grosseiras e de racas tão varias, mas que encontravam naquele vozeiro barbaro e ensurdecedor meio de fazer porajar os seus soffrimentos de raça e de individuo e exprimir tambem as suas ansias de felicidade.

Encaminhou-se directo para a casa. Estava fechada; mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dansavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher que tocava; elle o adivinhava pelo seu "velouté", pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quasi perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ella tocava aquella tingio! Que paixão punha naquella musica inferior!

Lembrou-se então dos "condões", dos "ranchos", das suas cantilenas ingenuas e barbaras, daquelle rythmo especial a elle que tambem perturbava sua mulher e abraçava sua filha. Por que caminho lhes tinha chegado ao sangue e á carne aquella gosto, aquelle pendôr por taes musicas? Como havia correlação entre ellas e as almas daquellas duas mulheres?

Não sabia ao certo; mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influencias — trocas de idéas e sentimentos, de influencias e paixões, de gostos e inclinações. Quando entrou, o piano cessava, e a filha descansava, no sofá, a fadiga da dança lubrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indulgentemente o fill-o dizer: é assim que se dansa nos Democraticos.

C16 logo que o viu, correu a abraçal-o e abraçaria ao pae, perguntou: — André não vem?

— Virá. Mas, logo, em tom severo, acrescentou: — Que tem você com André?

— Nada, papae; mas elle é tão bom... Quiz Maximiliano ser severo; quiz aproximar-se da sua respeitavel autoridade de pae de familia; quiz exercer o velho sacerdocio de sacrificador aos deuses Penates; mas era sceptico demais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdocio nem no fundamento de sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, C16. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

A isso, todos entraram em explicações. O respeitavel professor foi vencido e convencido de que a affeição da filha pelo deputado era a cousa mais innocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. Fred, contudo, pou-

— E essas mulheres ganham? — Qual. Você não vê que é uma honra, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou serio e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas. Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia annunciir. Desculpou-se com as se-nhoras; não pudera vir jantar, questões politicas, uma conferencia... Pedia licença para offerecer aquellas pequenas lembranças de Carnaval. Deu uma pequena caixa a D. Izabel e uma maior a C16. As joias sahiram dos escrínlos e fairsaram orgulhosamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh! doutor, fez D. Izabel. O senhor está a sacrificar-se e nós podemos consentir nisto...

— Qual, D. Izabel! São falsas, nada valem... Sabia que D. Clodia ia de "preta mina" e lembrei-me de trazer-lhe esse enfeite... C16 agradeceu sorridente a lembrança e a suave bocca quiz fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. D. Izabel poz-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentes, como já foi observado, executou alguma cousa triste. Chegara a occasião de se prepararem para o baile á fantasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram, na sala, os homens, bebendo Wisky. André, impaciente e desattento; o velho lente, indifferente e compassivo, contando historias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar caminho para exhibir o seu saber em cousas carnavalescas. A conversa ia cahindo, quando o velho disse para o deputado:

— Já ouviu a "Bamboula" de Gottschalk, doutor?

— Não. Não conheço...

— Vou tocá-la. Sentou-se ao piano, abriu o album onde estava a peça e começou a executar aquelles compassos de uma musica negra de Nova-Orleans que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa de panno da Costa ao hombro trunfa, com o collo inteiramente nu, muito chelo e marmoreo, separado do pescoço modelado por um collar de falsas turquezas. Os braceletes e as missangas tilintavam no pulito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raizes dos seios duros, que mal supportavam a alvissima prisão onde estavam retidos.

Ainda pode requebrar, aos ultimos compassos da "Bamboula", sobre as chinellas que occupavam a metade dos pés; e toda risonha sentou-se por fim, esperando que, aquelle Salomão de "pinço-nez" de ouro lhe dissesse ao ouvido:

Os teus labios são como uma fita de escurite e o teu fallar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nacar das tuas faces; sem fallar no que está escondido dentro.

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clodia, se não fallava como o rei Salomão á rainha de Sabá, dilatava as narinas para sorver toda a exhalção acre daquella moça, que mais capotosa se fazia dentro daquelle vestuário de escrava desprezada.

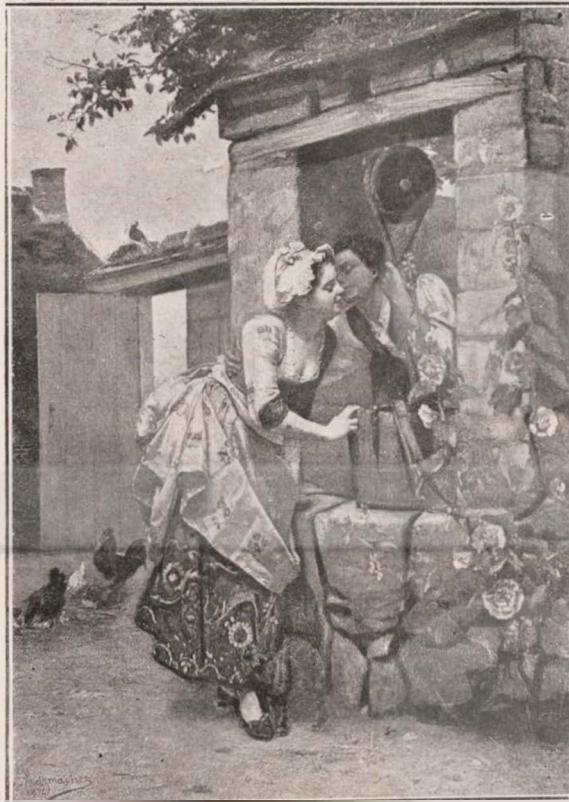
A sala encheu-se de outros convidados e a sessão de musica veiu a cahir na canção e na melodia. Fred cantou e C16, instada pelo doutor André, cantou tambem. O automovel não tinha chegado; ella tinha tempo...

D. Izabel acompanhou; e a moça, pondo tudo que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a "Canção da Preta Mina":

**Pineta de cheiro, gillé, gububombô;  
Eu vendo barato, mi compra 76y6!**

Ao acabar, era com prazér especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um lozgo gozo intimo que ella, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se, e dizia vagamente:

Le rep... E rep... vez: M...



LE Puits MITOYEN

Quadro de Metzmacher

de dar algumas informações sobre os prescitos carnavalescos do dia seguinte. Os Penianos perderiam na certa. Os Democraticos tinham gasto mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma cousa nunca vista. O carro do estandarte que era um templo japonês, havia de fazer um "bruto successo". De-mais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen...

— Ainda toma chloreal? perguntou C16. — Ainda, retrucou o irmão; e emendou: vai ser uma lindeza um triumpho, á noite, com luz electrica, nas ruas largas.

E C16, por instantes, mordeu os labios, suspendeu um pouco o corpo e viu-se ella tambem, no alto de um daquelles carros illuminada pelos fogos de bengala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguezas e burguezos da cidade. Era o seu triumpho a méta de sua vida; era a profliferação imponderavel de sua belleza em sonhos em anelos em idéas em violentos desejos naquellas almas pequenas sujeitas ao imperio da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um hausto, limpou a espuma dos labios e o seu ligeiro buço surgiu lindo sobre os breves labios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão:

## Os aneis de casamento

As variações impostas pela moda aos brinços dos homens não escaparam sequer os anéis de casamento, as "alianças", como por aqui se diz — symbolos dos affectos duradouros.

Os pesados anéis de ouro que se usavam noutro tempo são considerados pelas elegantes da actualidade como feios e antiquados.

Ha noivas modernas que chegaram a taxar de vulgares os anéis que suas proprias mães ostentam nos dedos — commenta, escandalizado, um excellente moralista...

Entretanto e apesar de tudo, na maior parte dos países europeus e americanos tem-se observado uma continua preferéncia pelos anéis de ouro, lisos, sem adornos que lhes quebrem a suave linha da simplicidade.

Essa predilecção data de muito tempo. Quando a rainha Maria estava prestes a casar-se com Philippe de Hespanha, declarou que desejava usar um anel de ouro liso, como as outras donzellas.

Diversas collecção, contêm anéis com inscripções, ornamentados com pedras preciosas ou esmaltes. Em geral, porém, esses anéis são de compromisso, de noivado, e não de matrimonio. A fidelidade e o regosijo que produz a presença do ser amado constituem os "leit-motifs" de suas inscripções. "Não dou, um apenas, até que a vida se extingue". — diz uma das legendas gravadas numa antiga alliança. Outras contêm inscripções como estas: "Meu coração e eu até á morte"; "Nosso contracto é um acto do Céu"; "Em ti, meu eleito, encontro a Felicidade".

Os puritanos prohibiam o uso dos anéis por considerarem uma pratica terrena. Essa prohibição, entretanto, não foi levada a sério.

Desde tempos immemoriaes que se usam os anéis no quarto dedo da mão esquerda, e isso porque, explicam os entendidos na materia, esse dedo corresponde com o coração por uma arteria, o que não é, anatomicamente, muito exacto. Na corte de Jorge I, de Inglaterra, os anéis eram usados no pollegar.

As "alianças" remontam, affirma-se, ao antigo Egipto. Os romanos, os gaulezes e os escandinavos as consideravam, como ainda hoje nós as consideramos, symbolos da fidelidade.

## Variações sobre as meias de seda

As meias de sêda, attingem, no momento, a preços sem juvida excepcionaes. Consolem-se, entretanto, as nossas lindas leitoras com o que, a respeito, nos ensina a historia.

Sob o reinado de Henrique IV — affirma-nos ella — um par dessas meias custava 150 francos, o que, naquella epoca, era verdadeiramente um absurdo. Sob Luiz XIII, ellas desceram a 120 francos, baixando mais ainda, depois: primeiro a 80, em seguida a 50 francos.

No século XVIII, ellas estiveram ao alcance de muitas senhoras, pois custavam, então, apenas 20 francos, o que, todavia, não era ainda um preço ideal. Quando, em 1781, casou-se a princeza de Tarento, figuravam na sua "corbeille" nupcial meias de sêda no valor de 28 francos, o par. Isso constituiu objecto de muitos e alarmados commentarios... Imaginem si hoje resuscitassem essas bôas creaturas que assim se deixavam ficar boquiabertas ante o magnifico "trousseau" de mille, de Tarento — hoje que um par de meias de sêda de peor especie não custa menos de 100 francos, ou sejam 60\$000 na nossa moeda!...



# BANHO A' FANTASIA NO FLAMENGO



Damos aqui dois aspectos do interessante banho a fantasia, realizado na Praia do Flamengo no dia 10 que, apesar da chuva, esteve muito animado



## MAR

*Amplo berço de náu, que as distancias annulla,  
Leva ao estertor da morte e ao fastigio da gloria;  
E, dia escampo ou noite má, si a praia oscúla,  
Não esconde, jamais, sua queixa estentoria.*

*E, pois que no seu bojo outro mundo pullula,  
Guarda com o mesmo enseio a maravilha e a escoria.  
Umás vezes pranteia, outras vezes ulula,  
Annunciando o naufragio e annunciando a victoria.*

*Revolvendo-se em vão, sem que se mostre exhausto,  
O furibundo Mar, sob as camadas cerulas,  
Vive o amargoso fel tragando de hausto em hausto.*

*E, ao perpetuo fragor das bravas ondas querulas,  
Assignala o seu crime e regista o seu fausto  
Com o sangue dos coraes e a riqueza das perolas...*

Aristéo Seixas

## A proposito do 4º Centenario de Camões

Uma "cabeça" maravilhosa do immortal  
poeta lusitano



A proposito do 4º Centenario de Camões, julgamos interessante reproduzir a maravilhosa "cabeça" do immortal poeta lusitano, verdadeira obra-prima do illustre desenhista argentino De Lucchi. O trabalho de De Lucchi, sobre o valor artistico, tem o de provar a universalidade da fama que aureola o nome do rhapsodo eterno dos "Lusiad

## Da vida que passa...

I — Milonguita

Foi num "bistro" da gloria que eu vi Milonguita. Ella estava encolhida a um canto, toda pallida no seu vestido negro, sorrindo um sorriso tão humilde que mettia dó. O seu nariz, como uma lamina transparente, de tão branco, fazia pensar em todos os horrores e em todos os vicios. Por elle bem se sentia que Milonguita passara a noite a tomar cocaina.

Pobre Milonguita ! Deante de sua carne soffredora e cansada, deante dos seus olhos quase murchos como uma flôr que se vae desfolhar, deante da sua mascara sombria, em cuja tristeza um sorriso apagado bailava a dança do desespero e da amargura, eu tive vontade de ajoelhar-me, como deante do miseravel Sonia o heroe de Dostoiewsky.

E pensei commigo :

"Tão linda que ella era ! Tão linda e tão pura ! Um destino máo trouxe-a para aqui. Ella era tão delicada e tão fragil que nesse tempo, cabia dentro de uma pitada de cocaina. Uma fumaça de opio envolvia-a toda, tão leve, tão espiritual, tão etherea, ella éra nesse tempo. Hoje, ella vive para o seu vicio. Não por prazer, por desventura.

Gardel cantou-a num tango :

"... todos duermen en tu cama,  
yo tambien quiero dormir .."

E houve quem a chamasse :

"flor de lujo y de placer..."

E quem, bondoso, lhe dissesse :

"los hombres te han hecho mal !..."

E quem, cheio de piedade, a desejasse como antigamente :

"Hoy daria toda mi vida  
por vestirme de pereal..."

— Que queres tomar, Milonguita ?

— Um veneno qualquer ! Todo o humano desejo de Milonguita se resume nessa phrase simple

E quando lhe pergunto :

— Por que te embriagas de

Ella me responde, numa miseria :

# Em Amor na ha planços

Quando Bill appareceu para se empregar em nosso escriptorio chamava-se Montgomery, mas o velho Brown, homem de negócios dos pés á cabeça, declarou desde logo que essa coisa de ter que chamar uma secretária por miss. Montgomery, a toda a hora, era uma estopada dos diabos, fóra o tempo que se perdia.

— Lá em casa chamam-me Bill para abreviar! replicou a moça amavelmente. Ficou sendo, pois, esse o seu nome no escriptorio também.

Bill é um encanto! Se houver uma moça na cidade de Londres, ou mesmo em todo o municipio de Londres com os seus milhões de habitantes, que seja encantadora do que ella, eu irei para o meio da rua, á chuva ou á neve, cantar de cabeça descoberta, vinte vezes, o hymno nacional.

Quando Bill nos appareceu a primeira vez trazia uma gaze violeta á cobrilhe uma blusa, violeta também mas mais escura, e um chapéozinho lindissimo, violeta do mesmo modo, com uma fita prateada e uma borla para fazer realçar ainda mais o seu cabello, negro de azeviche. A sábia

va a ser iniciada por Jim nos mysterios do Brown l'filho, a mais antiga firma importadora de mólhos e conservas, da cidade.

Iniciada por Jim disse eu. Mas todas as vezes que pude afastal-a delle tomei eu o encargo de ensinal-a. Ao fim de uma hora percebi que estava apaixonado pela 38ª vez — uma paixão em cada anno da minha vida — por que tenho 38 annos e já começo a embranquecer. Jim tem 22 só, o maldito! e é 14 vezes melhor que o geral dos fedelhos dessa idade e um dos mais hellos rapazes que uma pessoa pôde encontrar.

Está todo ahi o pessoal do escriptorio... O velho Brown, Jim, eu, Bill e um desses serventes, que só nós os inglezes temos e só Deus sabe donde veem. O nosso cbama-se Jerry e tem uma boca de orelha a orelha, de aspecto esquisito todo elle, mas bom rapaz. O velho Brown, esse, é uma especie de ovo cozido... Naquelle noite, no trem, quando iamos para casa, dizia-me elle:

— Não lhe occulto que estou com o meu receio de que Jim se deixe fascinar

entre os nossos freguezes, individuos dos 20 aos 80 annos.

Um dia, ouvi Jim dizer-lhe:

— Sahe, miss. Bill? Dei uma amostra a provar, a um dos nossos freguezes, do mólho que recebemos hontem e elle sahio a dizer que sentiu arrepios no estomago.

Ora como eu sabia que ella gostava de homens imaginosos, não deixei Jim ser mentiroso sozinho e contei uma loretta formidavel, desse genero também.

Bill, muito amavelmente, aconselhounos a "contar isso a outro", e nós fomos sahindo...

Era instruidissima, vimos depois. Os vidros de mólhos que recebiamos tinham rotulos com a procedencia e nome, vindo de logares que deixavam a perder de vista a Torre de Babel, mas miss. Bill conhecia tudo. Sabia jogar o golf, tocava piano, nadava tres milhas e fallava tres idiomas além do nosso. Era bella e intelligente, e por isso achei que ella devia casar commigo.

Fallei outra vez ao tio Brown.

— Porque com aquella voz, aquelles vestidos com o bom humor que ella tem — disse eu — os provadores do mólhos e a freguezia atulham a casa, e fazem perder tempo. Uma simples alliança na mão esquerda acabaria com tudo isso.

— Sim? Pois eu vou augmentar o ordenado della em mais uma libra por semana, respondeu o velho.

Pensei que elle fosse dizer por mez, o que estaria mais de accordo com a logica e principalmente com elle.

... e vou dar-lhe commissão, continuou. É uma rapariga e tanto. Concorde com o que tu me disseste da alliança, mas nestes annos mais chegados não dou licença ao Jim para casar.

Deu-me vontade de morder aquelle velho patife.

— Não me refiro ao Jim, disse eu, supponho que com a voz embargada. O velho pôz os pés em cima da mesa, apinhou um charuto enorme e accendeu-o com todo o vagar.

— Bem, meu velho, disse elle por fim com um olhar especial. Eu sou viuvo ha tantos annos que não me passa pela cabeça casar outra vez. Mas, se passar, acho que ella merece casar commigo.

— Olhe, titio, interrompi, eu tenho o maior respeito pelo senhor e creio-o tão meu amigo, que estou certo de que vou herdar alguma coisa sua quando titio morrer, mas não abuse dessa amizade, tão fortemente. Eu tenciono propor-me a Bill para marido, pois vejo nella o meu ideal de esposa.

Mas Bill nunca faria de ti um bom marido acredita! contestou elle com uma gargalhada triumphal.

Quando contei o caso a Jim não lhe ouvi uma palavra de conforto ou de animação para proseguir e vencer. Pelo contrario, fez-se sombio, com uns aros superiores, com umas restricções commigo que me espantaram, por serem coisa nova entre mim e elle.

Dahi a dias o velho e eu trocamos outra vez algumas palavras sobre o caso, terminando elle por me dizer:

— Olha, rapaz, Bill é uma pequena e tanto, bella companheira, e, o que é mais, tão sensível como energica. Acho, portanto, melhor, acabares com isso... Não é proprio numorar pequenas assim. Digo-te isto por lealdade.

E sahio, deixando-me em pé no meio da casa, tendo corar, mas sem conseguir.

O que vale é que não tomo nada a serio na minha vida, graças a Deus.

\*\*\*

Ninguem se apaixonava mais facilmente do que eu. Ataca-me logo uma tremenda eloquencia. Uma noite levava Bill para casa, de automovel, depois de haver-me ceado, num restaurante, frango assado, e bebido bons vinhos etc.

— Bill! comecei eu.

— O que é, meu velhote?

Foi bastante para esfriar o meu enthusiasmo. Uma mulher que nos vae acceitar não nos trata por velhote. Ellas voltam o rosto para nós, encobrem os olhos com o chapéu, mas querem ver-nos. Quando nos tratam de velhote, olham-nos distrahidas e acabam por dizer que serão irmãs da gente como essas de que eu já tenho uma collecção...

— Bill! Quanto tempo vae estragar a sua mocidade, a vender mólhos apimentados,



36

dos a freguezes cubicosos della? Perguntei eu procurando tornar-me pathetico. Porque não casa com um homem bom, sincero, amante do lar, com uns trinta e oito annos de idade? Vae perder os seus melhores annos de vida a aturar brigadeiros vermelhos e generaes com cara de lagosta, com são os nossos freguezes, illuminando-lhes o coração com o seu sorriso? E acceita de bom grado essa idea de titio, de a mandar agora correr as repartições publicas "tocar" os papeis referentes a pagamentos pelos fornecedores feitos ao Estado.

— Parei, satisfeito da tirada, que eu considerava altamente persuasiva e diplomatica.

— O que é que adeanta com isso? falei eu ainda, depois de ter dado tempo á oração de produzir o seu effeito. Eu sei que a senhora não conhece nada do meu passado, mas creia-me.

— Oh! disse ella rindo, não ha quinze dias que o senhor me disse ter sido já uma borçõa de vezes noivo.

— Mais uma razão para ter pena de mim e casar commigo. Alguem terá de casar commigo algum dia. Porque não aproveita e casa agora?

— Ella riu. Metteu na bocca um bombom e respondeu-me escondendo-se por detrás do leque.

— Estragar-se-ia tudo, se tal acontecesse!

— Não entendi muito bem. Só vi uma coisa e manifestei-a:

— Quer dizer que não casa commigo? — E... Eu gosto muito do senhor, para ser sua mulher.

— Então uma mulher não deve gostar muito do seu futuro marido?

— Ella pôz a mão enluvada sobre o meu braço quasi me fazendo perder a direcção do carro.

— O senhor não é o meu futuro marido. E' muito alegre. Póde ser para mim um irmão ideal, um irmão em quem se póde depositar confiança. Foi por isso que eu fallei "em que se estragaria tudo".

— Suspirei. Com a mão esquerda tirei um cigarro do bolso e com essa mão o accendi, guiando o carro com a direita. Tornei a suspirar, tentando sentir o coração despedaçado.

— A senhora é a 33ª mulher que me diz isso! murmurei tratando de suspirar mais forte que das outras vezes. Por que não pensa nisto. Bill, alguns dias? Creia, seriamos muito felizes... Eu não iria mais a clubs... Ficaria outro.

— Horrivel! exclamou ella. Além disso eu não me caso. Nem com o senhor nem com outro. Mais ainda: o senhor não tem o typo do homem casado. E' um homem feito para clubs e theatros, para aposentos de rapaz solteiro. A mulher que casasse com o senhor pregava-lhe, com isso, uma grande peça. — O senhor é agradável assim, como um camaradão. Mas, como marido suburbanano.

— Mas quem disse que iriamos morar nos suburbios? Nunca lhe pediria esse sacrificio. Bill! exclamei eu em desespero de causa. Iríamos morar numa bella casa de aposentos, perto de Piccadilly.

— Appareceram lagrimas nos olhos della, grandes lagrimas. Mas quando ella deixou cahir o leque no collo, e inclinou a cabeça nas mãos sacudida por soluços... soluços de um forte ataque de riso eu esmoreci um pouco, mas aproveitei para dizer:

— Olhos lindos os seus, mesmo quando se riem á minha custa!

— Bill, pela primeira vez na viagem, olhou, então, para mim séria. Quasi atropellei o fiscal de vehiculos em Knightsbridge. Aquelles olhos, oh!

— Não, disse ella com a sua melodiosa voz, não me estou rindo do senhor. Não sou tão má assim... Mas, uma casa de aposentos, em Piccadilly! Eu morria! Só por ahí, já se póde ver a differença entre nós. Eu tenho a certeza... o senhor ha de encontrar outra que o fará feliz.

— As outras trinta e sete disseram-me isso, tambem.

— Eu screi sua irmã!

— Já tenho trinta e sete!

— Quando eu casar, o senhor será o padrinho do noivo.

— Gostava mais que elle fosse o meu.

— O senhor encontrará alguem que o mereça.

— Todas me haviam dito sempre aquillo. Algumas dizias que eu era bom de mais para ellas. Mesmo depois de eu dizer que ia passar a ser máo, as pude convencer.

— Bem, Bill, disse eu depois de uma decente pausa. Não se falla mais nisso.

— Ella deu-me uma palmadinha, parece que com alguma affeição, mas não me impressionou. Tinha accedido a situação e a derrota, resignado.

— Um pouco mais adiante, ella disse-me, como para me consolar, com sinceridade nos olhos fulgurantes.

— Amigos, amigos só. Bons amigos. Bem cedo saberá por que. Se me ama, deixe de me amar. Muito amigos só.

— Está bem, Bill. Prometto não me suicidar. Tentarei ser seu irmão. E' sina minha, ser alienas um bom rapaz. Deixe-me dizer-lhe agora... Depois disto vou fazer uma "revolução" no club de aniz e siphão no estomago.

— Ella morava com o pae viuvo, pelo que nós sabiamos, num daquelles quarteirões de Earl Court que parecem uma misturada infernal de escadas de incendio, de portas de lojistas e barracas de excursionistas alpinos aposentados. Eu não lhe conhecia o pae. Só accidentalmente ella me falára delle.

— Ao dirigir o carro para a porta della, accommetteu-me de subito a idea da solidão e da dor que elle sentiria na viagem de volta.

— Apartei a mão de Bill quando ella se dispunha a entrar em casa. Subito, para dizer alguma coisa, fallei:

— Bill! Quero conhecer teu pae... Olhou-me assustada.

— Para que? perguntou.

— Para lhe dizer que a não pedirei nunca em casamento.

— Ella pareceu não achar graça.

— Eu tornei a fallar:

— Bill, ha duas razões para a sua recusa de casar commigo. Uma, é que nunca casaria commigo de qualquer maneira. A

por lá ouvia, da primeira á ultima nota, tirando effeitos orchestraes com as regoas, com a penna em cima da escriptaninha, com os tinteiros, etc., entremecendo tudo com uns berros admiraveis. Era, em summa, o "officeboy", perfeito combinado com o "jazz-band", mas era honesto e respeitador.

— Eu digo, fallou-me Jerry um dia, algumas semanas depois da scena da dose bebida por mim e pelo meu reflexo no espelho. Eu vi a pequena no Trivolity, a noite passada. Tão perto que lhe podia tocar com a mão.

— Olhei para o rapaz, ameaçador, com vontade de lhe dar um supapo.

— Mas não toquei, continuou elle descuidadamente. Estava de braço dado com um cavalheiro numa friza mesmo por cima do logar em que eu estava.

— Jerry ia fallando a brincar com o seu baralho de actrices famosas, presentindo talvez que aquella confidencia não era propria de dois gentiomens. Quanto a mim, permanecia em silencio, forte, poderoso.

— O cavalheiro não era o Sr. Jim, não senhor! arriscou elle cmquanto eu moradia a beicola.

— Então, quem era, Jerry?

— Mas não tocou-se com a minha curiosidade, na perspectiva de uma longa palestra.

— E' um sujeito que costuma andar com ella, que a aperta e lhe chama "queridinha".



— Ella riu a valer, quando eu lhe disse: " Não te cases com um velho " !

outra qual é?

— Tornou a olhar-me assustada, supplicante quasi, e assim, á luz do lampeão, parecia-me mais bella ainda, bella de sonho.

— A outra razão chama-se Jim? perguntei.

— Ella voltou-se e entrou em casa.

— Dalli fui para o club, tomar uma dose, o mais carregado possivel, e mais tarde tomei outra.

— A primeira bebi-a silenciosamente, sozinho, devagar, saboreando "Bill e Jim". A outra no meu quarto. Eu sou um sujeito habitualmente tranquillo, imperturbavel mesmo. Mas ao tomar aquella dose com outro, a reflexão de mim mesmo no espelho, não pude deixar de berrar:

— Esta é a ultima proposta de casamento que eu faco.

— O meu reflexo abanou com a cabeça como eu, bebeu quando eu bebi e quando quebrei o copo, como signal de jura, fez o mesmo.

— E ha de ser sempre assim.

\*\*\*

— Jerry, o servente da bocca encolheu-me confidencialmente no dia seguinte. Nós gostavamos do Jerry. Até Brown não ralhava com elle nunca. Mas sabia mais coisas de musica do que eu. Mas sabia mais coisas de musica do que eu. Mas sabia mais coisas de musica do que eu. Mas sabia mais coisas de musica do que eu.

— Eu mech-me na cadeira e chorei.

— Tão velho que parecia um esqueleto.

— Basta! gritei eu.

— Quebro-te o esqueleto!

— A culpa não é tua.

— Os homens foram os culpados.

— Não desmaiei. Mas da horrivel carada.

— Bola, a ver se a casa em que eu moro.

— Não comentei.

— Me porquê?

— Dados os dados.

— Em.

— Esse coronel lagosta como o senhor lhe chama é o melhor homem do mundo. Se o senhor fosse como...

— Mas, minha cara irmã, se a senhora não estivesse cega, interrompi, devia ter visto que o Jim anda morto de amores...

Com grande horror meu, ella poz-se a rir, e de tal modo que toda gente no café se poz a olhar para mim, e de certo julgaram que ella se ria da minha cara que devia estar horrorosa.

— Jim! disse eu na manhã seguinte, tu és um bôbo. Soube por acaso que Bill te acceptaria logo se tivesses a coragem de te declarar. Tu sei que, se não fosse por medo de teu pae, já de ha muito o terias feito, porque sei que a amas muito. Já mesmo já lho disse a ella.

— Imbecil!  
— Quasi até que a pedi em casamento para ti. Parece-me, entretanto, que preferes que um sujeito velho, vermelho como lagosta, mais velho que o pae Adão te carregue com a mercadoria... Se não tens coragem para lhe fallar porque não a pedes por intermedio do teu advogado? Numa carta por exemplo.

— Idiota!  
— Isso! Escreve-lhe uma carta.  
— Desapparece da minha vista.  
Conhecedor do coração humano, como sou, percebi bem que, apesar da indignação de Jim, ella estava senhora do delle. Jim estava apaixonado, sem duvida.

\*\*\*

Dizem por ahi que o amor é que faz girar o mundo. Para mim é a cidade de Londres. Esta milha quadrada é o eixo em redor do qual a terra roda. É o amor de Jim por Bill e o de Bill por Jim apesar de suspenso, pelo que eu via — digo pelo que eu via mas a verdade é que só sentia — pelo medo que elle tinha do pae, nenhuma influ-

encia tinha com a rotação da terra. Jim e Bill amavam-se. Jim continuava a sua vida como de costume e Bill tambem. Jim era burro, entretanto. Tinha medo della.

Ah! Se fosse commigo!  
Mas, um dia... Todas as historias teem fim e esta tem conclusão rapida. Um dia, o tio Brown mandou-me chamar e disse-me:

— O nosso agente em Paris não está fazendo nada, e eu quero mandar lá uma pessoa daqui, Sabes quem vai?

— Bill!  
Elle quasi suggeriu, ao cortar fóra a ponta do charuto que desejava que fosse eu, pareceu-me.

O tio continuou:  
— Ella vai de aeroplano. Saе de Croydon, ás quatro horas da tarde. Se os homens da minha firma o fossem de facto, elles teriam vergonha. Dois homens aqui, ambos interessados na casa, e tenho que mandar a Paris uma empregada, apesar de novicia no negocio, para fazer andar para deante um agente.

— Pois sim, titio, mas ha uma differença grande entre ella, o titio, Jim e eu. É que ella é intelligente...

E sahi todo contente com a sentença.  
Na manhã seguinte, na minha correspondencia, encontrei esta carta:

Querido

Vou para Paris de aeroplano amanhã. Não estarei assim no escriptorio para te ver. Antes de eu partir vem ver-me. Dejei muito o anel do casamento a noite passada, querido. Tu e elle são a minha vida — A tua

Bill.

Vi logo que ella se enganara no sobre escriptar as cartas. Devia haver uma para mim na correspondencia de Jim.

Mas o melhor ainda é que por causa dessa carta eu vim a saber de tudo...

Elles haviam casado secretamente e escondiam o casamento dos paes.

A' noite, o tio Brown entrou quasi louco pelo escriptorio dentro, com um jornal na mão, em que se lia:

**O aeroplano de Paris despejado ao sair do aerodromo**

O velho soluçava. Espantou-me a sua dor. Parecia mais uma criança que um homem. Chamou Jerry e mandou que fosse buscar um automovel hem veloz.

— Nunca me perdoarei, se aconteceu alguma coisa a essa moça! disse elle.

Nesse momento gostei delle. O homem forte dos negocios desapparecera. O velho do belle de granito chorava. Já tive pena e disse-lhe para o socegar.

— Descance, titio, Bill não ia nesse aeroplano. Só amanhã é que ella tencionava ir.

— Como sabes tu isso?  
— Por uma carta de Bill que por engano me veio ter ás mãos. Por essa mesma carta fiquei sabendo tambem que são casados, ella e Jim!

O velho remoejou com a noticia, surpreendendo-me extraordinariamente.

Soube depois que a historia do emprego para a moça fóra plano delle. A pequena era filha de um amigo delle, o mesmo com quem Jerry a via no music hall, e tanto meu tio como o pae della se haviam combinado para preparar o casamento de Jim com Bill, pondo um junto do outro.

As leis do amor haviam, porém, ido além do que elles contavam. Não foram ouvidos, nem cheirados, para o casamento. Bem feito!

W. McCartney.

## Da vida que passa...

### II — A bôa provincia...

Nós os da provincia, os que nascemos longe, muito longe, do bulicio estonteante da capital, poucas vezes nos lembramos da nossa pobre e pequenina terra, sumida, perdida na bruma das distancias. Como é delicioso, no entanto, recordar! Já não o disse o poeta?

Quando, porem, um momento ou outro, nós nos pômos a lembrar o tempo feliz em que lá vivemos, como um enxame de douradas abelhas os mais doces e candidos pensamentos vem, risinhos, povoar a atormentada imaginação da provincia! Os typos da provincia! As

provincia! Na minha cidade, era praxe dos preceder o nome dos cidadãos deste burgo dejectivo: considerado:

...ne, o sr. F... "considerado" negociante.

...nhã, as suas bôdas de ouro o sr. X...

...al".

...opole do paiz o sr. Z... "con-

...migo, filho do chefe

...ito em São Pau-

...nifestações.

...sensional

... "consi-

Não houve duello simplesmente porque Itaôca — como diria o mordaz Monteiro Lobato — ainda ignora, e felizmente, os codigos da cavallaria...

## Oscar Machado

JOALHEIRO

O maior e melhor stock  
desta capital

Teleph. N 2367

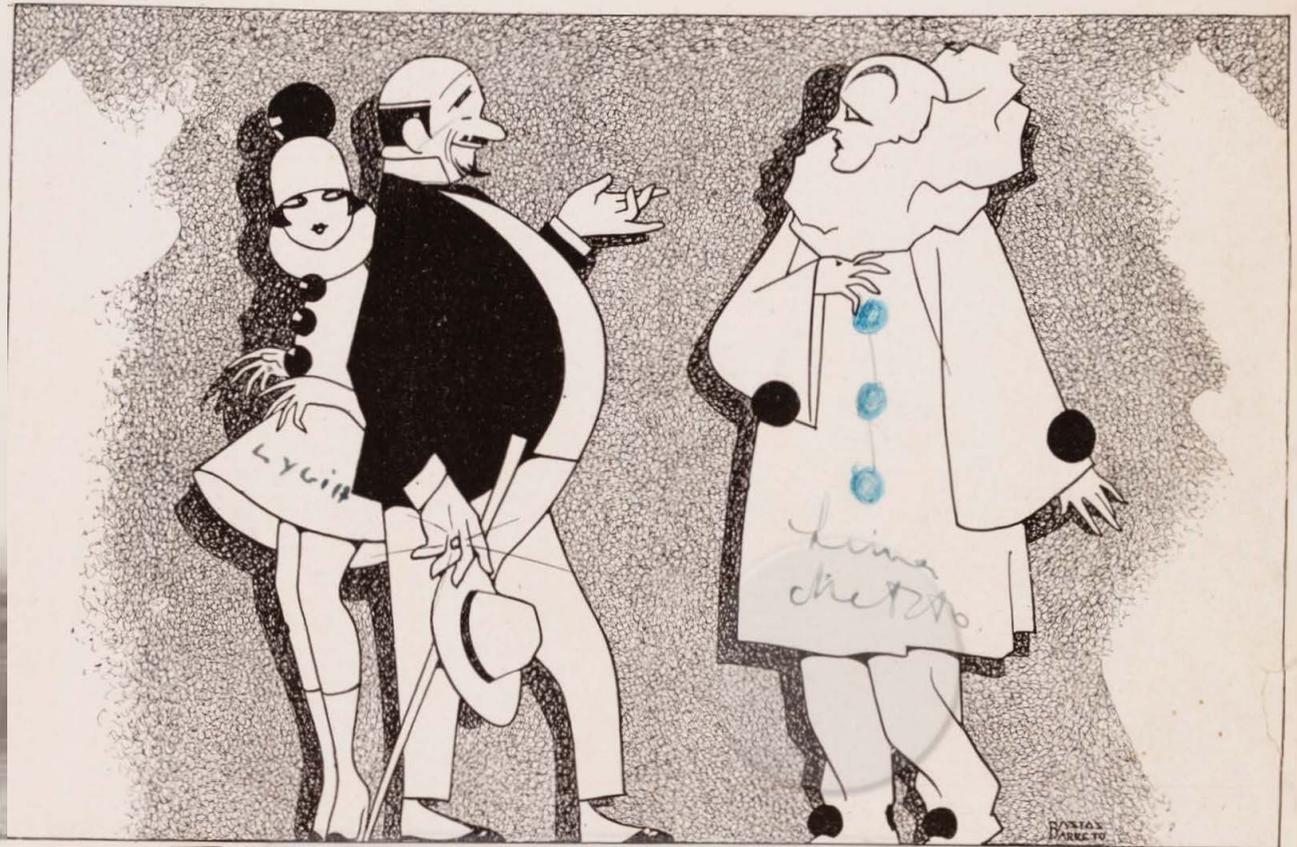
101 - GUARDOR - 103

End. telegraphico

canto da Rua Sachet

AGEMO - RIO

Rio de Janeiro



## MASCARAS...

(Para Manoel Méndez)

— Colombina !  
— Pierrot !

Subitamente, naquelle recanto perturbador, orgiaco, do salão em festa, em que se realisava um baile "masqué", as duas figuras mais representativas da grande "comedia humana", se encontraram... Colombina estava toda vestida de côr rosa, escandalosamente pintada, num bizarrismo extravagante de Gavarni, realçando mais, assim, a sua divina beleza, encantos de muitos e loucura de Pierrot. Este pobre poeta sentimental, de face amarrotada, gasta, apenas, nessa noite epileptica, de Momo, trazia como disfarce uma cara empoadada e um leve domnió de seda branca, o que não lhe transtornava, em nada, a maneira unica de ser.

— Pois, tu aquí Pierrot ?

— E' verdade Colombina. Vim para te ver. Como sempre a toda hora, onde quer que estejas, sou o teu esravo, o que te ama doidamente, absurdamente...

— Pobre Pierrot ! E's sempre o mesmo poeta sentimental... Ainda não comprehendeste a Vida, a realidade, Cella...

— Como comprehendê-la, si eu te amo sempre ?

— Amos-me sempre ?

— Sempre !

— Porque meu pobre amigo, não desamas, e tão facil Eu conheço tantas creaturas que têm desamado !

— Ah, minha querida Colombina, que bom seria si eu desamasse; mas não posso, não está em mim. Sou um escravo do Destino. Nasci para te amar e soffrer, como ou-

tros nascem para desamar e gosar. Eu vejo em ti a coisa mais linda da terra... E' destino...

— Ah, meu tanto, tu me divertes e me distraes com isso... E's nada mais nada menos, do que um sentimental... Pois, o amor, não é como tu imaginas !... Hoje creaturas como tu, não vivem, deambulam macabramente ou fazem sombra... Hoje só vencem no amor, as creaturas que trazem como condição essencial, uma "linda posição", ou uma carteira recheada de cheques de banco... Não nos importa a mocidade, nem o cavalheirismo de uma creatura fartamente edneada... Isto tudo são coisas secundarias... O que nos importa é saber se o homem que venha a ser nosso marido ou nosso amante, esteja em condições "peregrinas" de nos sustentar, de nos fazer bouças...

— Mas isto, afinal, Colombina, é vender-se ?

— Seja. O amor, como pensas, não é tambem uma compra do nosso coração ? Sé razoavel e diz-me si não é verdade ?

— Não é verdade.

Colombina soltou uma gargalhada, deixando ver as trinta e duas continhas de sua maravilhosa boquita de seductora voluptuosa... Pierrot, entristecera. Nunca imaginara Colombina capaz de tanto... A encantadora ainda, ironicamente, disse :

— Ademais, meu amigo, deves convir no seguinte: o amor poderia ser a coisa mais bella da vida, si não passasse tambem de moda... E' como já disse alguém : um vestido que foi a nossa ternura e hoje, ai de nós; desprezamol-o, porque não nos encanta mais... Passou, infeliz

meate, como tudo passa no carnaval da vida... Tu, Pierrot, podes ser muito bom, mas és um imprestavel, porque és um pobre poeta sentimental... E' da vida, não te voltas contra ella... Sê razoavel ao menos uma vez... Têm juizo...

Pierrot empallidecera. Um rictus tragico de amargura, vincou-lhe, ainda, mais, o rosto mureho, ehupado pelos desgostos. Queria fallar, responder as verdades de Colombina, mas os seus nervos não o deixaram. Colombina ria... Nisto um individuo gordo, obeso, muito vermelho, chegou-se a ella, tomou-lhe dos braços para a delicia "pu cha-pueha" de um tango...

Nesse momento alguém, no salão, cantava esta linda canção.

"Incarnação do meu sonho,  
Infernalmente divina;  
Phantasia feita carne...  
Colombina !

Pete teu ser vaporoso  
O meu sonho peregrina,  
E' vae morrer em teu seio.  
Colombina ! Colombina !

Tudo zomba da margura  
Que maltrata e assassina...  
En symboliso a tristeza...  
Colombina !

Miragem do meu deserto;  
Oasis que me fascina !  
Da-me a ventura que eu sonho...  
Colombina ! Colombina !"

E sorrindo, bregeiramente, nos braços do homem gordo, Colombina despediu-se da creatura que por ella tanto soffria.

— Adeus, Pierrot, sê razoavel...

— Adeus, Colombina... sê feliz...

\* \* \*

E Pierrot, mais triste do que nunca, retirou-se do salão em festa. Fóra ainda, Pierrot olhou com os tristes olhos de quem chora para as janellas do salão, de onde sahia a orgia feerica da luz, syncopes de perfumes, retinir de risos, gralhada de vózes em falseto, gritinhos, bater de castanholas, confetti, serpentinas e indolencias morbidas de tangos sensuaes.

E dentro do salão vózes femininas cantavam:

"Tilintam no ar os guizes  
Explodem por entre risos,  
Rufos de bombo : a folia !  
Vinga um anno de tristeza  
E de amargura, a belleza  
Deste instante de alegria !"

Pierrot chorava. E do mais fundo do seu ser, brotou-lhe da bocca esta verdade profunda :

— Louco daquelle que, sem poder, corre atraz de um bem que nunca alcança... E' a philosophia dolorosa da vida... Colombina tem razão, o amor é uma carteira...

Fernando Callage.

## É A MESMA COUSA...



— Que é isso, Pierrot ?! Estás bebido ?  
— Estou apaixonado...  
— Ah ! Acertei !

## VIUVA

Haviam transcorrido cinco annos desde o assassinato do "homem de bem", sem que fosse descoberto o autor do crime, e tudo mudára naquella casa. As portas que se abriam á claridade quando a pobre não era viúva, as portas que se abriram quando mataram o "homem de bem", tinham-se fechado para sempre, e a pobre mulher tinha que mendigar para sustentar o menino que não conhecera seu pae e a quem ella dizia que elle estava em viagem. lá

a porta sobresaltou a pobre senhora. Foi a causa do ruido. Uma outra, a qual elle fosse abrir com o filho nos braços, e o filho do hombro vindo um religioso que perdoara o assassinado.

— Reverendo, reverendo !  
— O missionario apresentou-se, hontem, um dia, e pediu de vos entregar esta bolsa com

— O assassino ! E' a bolsa que meu marido roubaram, quando o mataram... Diga-me o nome do assassino infame.

— Eu venho em busca do vosso perdão, boa senhora ! Necessito absolutamente d'elle !

— Pois podeis suppôr que eu vá perdoar ao assassino de quem mais amei na vida ?

— Sim, minha filha, perdoareis. Tendes o dever de perdoar a um homem arrependido. Como havemos nós de querer que Deus perdôe nossos peccados ?

A viúva pensou um pouco e retorquiu :

— Se é por Deus, sim, perdôo. Diga-lhe que perdôo.

E o religioso saiu, contente de haver ganho a tranquillidade para a alma do homem que o procurára.

Mamãe ! Não me dizias que papae estava fóra e em breve viria ? Como falaste, agora, em que o mataram ?

— Sim, é verdade, filho meu ! Ha cinco annos que o mataram !

— Então, já que o não havemos mais de ver, vamos ao quarto onde tu costumavas chorar e ahí, perante a imagem de Christo, rezaremos ambos por elle. Vamos, mamãe !

E a mãe e o filho dirigiram-se a um commodo immediato, ajoelhando-se os dois, e, depois, como a viúva chorasse sem cessar, enquanto o menino rezava o Padre Nosso, elle observou :

— Mamãe, não chores agora, que me fazes enganar. Reza commigo, mamãe. Depois, choraremos os dois juntos.



# TINTOL

PARA TINGIR EM CASA.

M. CONÇALVES & CIA. RUA MUNICIPAL 13 TEL. N. 195

FROU-FROU...

## A PROVA

Varias cartas anonymas tinham prevenido o conde João de que todas as noites, quando elle se ausenta, um homem se introduz no parque, justamente á hora da meia noite e entra no quarto de sua esposa, pela varanda que dá para o terraço. O conde João, a principio não acreditava. A doee e terna Celina, sua esposa, parece querer-lhe tanto como nos primeiros dias de casados, e não é creatura para representar comedias. Absurdas, infames essas taes cartas todas de letra de mulher. Perversidade, perfidia, de alguma mulher ciumenta da felicidade da sua.

O conde João, até, quasi que era capaz de dizer donde provinham essas cartas. Não obstante, lenta mas firmemente, o veneno da duvida ia executando a sua obra, impiltrandose-lhe no sangue gota a gota... E se fosse verdade? Oh! Não! Absurdo, infamia, inverosimel! Mas, não é vir a primeira suspeita... Quando ella se nos introduz no coração, todos os raciocínios, por mais precioso e logicos que sejam, não conseguem arrancal-a dali. Só um facto, uma prova material, podem desvanecel-a.

Pois bem! O conde João ten'aria essa prova!

\* \* \*

Naquella manhã despediu-se da esposa dizendo-lhe que um negocio urgente o obrigava a uma viagem. Celina chorou, ao dar-lhe o beijo de despedida... Chorava devéras? De magoa pela dôr da sua ausencia, ora de alegria pela liberdade que ella lhe dava? Horriavel duvida a do conde João!

Saiu, passou o dia em casa de uns amigos e, chegada a noite, introduziu-se no parque, vigiando a casa de longe. Occulto num bosquezinho, viu illuminar-se o quar o de sua mulher, ao darem as onze horas. Depois abriu-se a varanda e Celina assomou, ali ficando algum tempo. Retirou-se de novo para vestir a roupa da noite. A seguir a luz apagou-se, e a condessa tornou a apparecer, de penteador branco. O conde viu que juntava as mãos. Rezava? E por quem?

Sem fechar a janella recordou-se.

Sem fechar a janella... Este facto assumiu a seus olhos ex-

traordinaria importancia. Sua mulher, tão m...  
nia nunca sem o revolver ao alcance da m...  
dormir com a varanda aberta? Impossivel!  
alguem. E quem poderia ser esse alguem? O conde  
se lembrava de que se estava no fim do verão e que o calor  
asphyziante naquella noite...

— Que venha... Que venha!

E o conde machinalmente começava a tirar o estoque da bengala, para se certificar de que poderia desembainhal-o rapidamente.

\* \* \*

As horas, porém, vão passando. Já faz tempo que bateram as doze badaladas da meia noite.

O conde impacienta-se... Tem que saber... Tem que saber... Tem que saber, e naquella noite me mesmo!..

Não pôde esperar mais.

Ha de ter a prova, em seguida, decisiva.

O céu carregado de nuvens favorece-o, mais escura.

Impossivel distinguir um homem d...  
Desliza rapidamente até ao palacete, e  
em frente ao quarto de dormir... M...  
branca no leito... Parece que Celina  
Será mais completa a empresa... M...  
Tosse levemente, para a despertar...  
estremunhada, julgará ser o seu cum...  
seu nome... Se o reconhecer, o conde  
trada por ali... Oh! Vai emfim saber  
emfim a prova... O coração parece que

— Celina! ehama, elle, com a voz su...

Apura o ouvido para surprehender o  
labios da culpada.

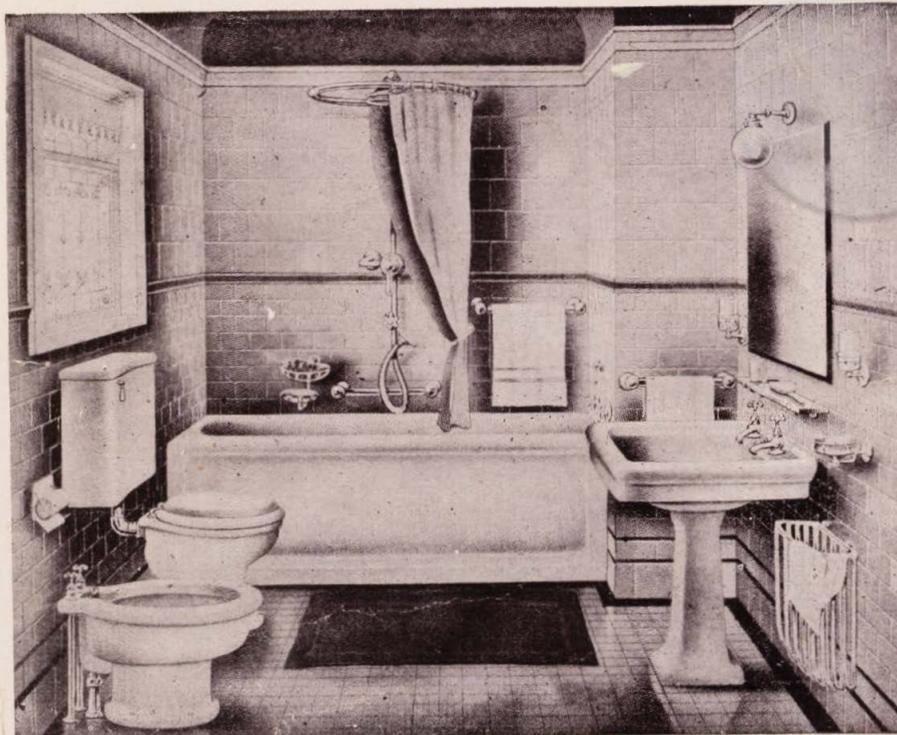
— Celina! repete mais alto.

A forma branca move-se. Escuta, mas  
espanto e em seguida o es'ampido de um

Mais nada. O conde roda pelo pavim...  
daçado por uma bala.

## A SANITARIA

AMARÃES PIMENTEL & COMP. — Rua da Carioca n.º 45



E' a unica casa em toda a America do Sul que tem os mais luxuosos aparelhos sanitarios.

Tem sempre em deposito grande variedade de aparelhos para electricidade e fogões a gaz.

Fabricam os melhores ladrilhos, tendo em todas as Exposições obtido os primeiros premios.



# Sua Magestade a Moda

“Remoçar” — eis, ao que parece, na nossa opinião o lemma dos modernos costureiros. Antes de tudo, porém, faz-se mister que o modelo escolhido tenha esse aspecto juvenil a que verdadeiramente não conseguem atingir senão os vestidos de um certo preço. Porque, apesar do custo elevado das “toilettes” — tão elevado mesmo que ha de surpreender as cronistas do futuro... -- a nossa época passará á historia como a da simplicidade no vestuário. Nunca foram mais sobrios os figurinos. Mesmo estylizadas, as creações do Paquin, dos Worth, dos Jean Patou, das Lucile, das Denise, das Odette, das Christiane, têm como principal característica uma encantadora, louvável discreção.

Os “manteaux”, as “fourrures”, tudo procura cingir-se ás regras desse “canon” simplista. A *marokellaine pélsinée* triumphá; a *kashavella de Langbian* ou a *raillaine monchetée* constituem maravilhosos conjunctos de elegancia ao mesmo tempo original e discreta, que fazem o encanto dos tecidos de Rodier.

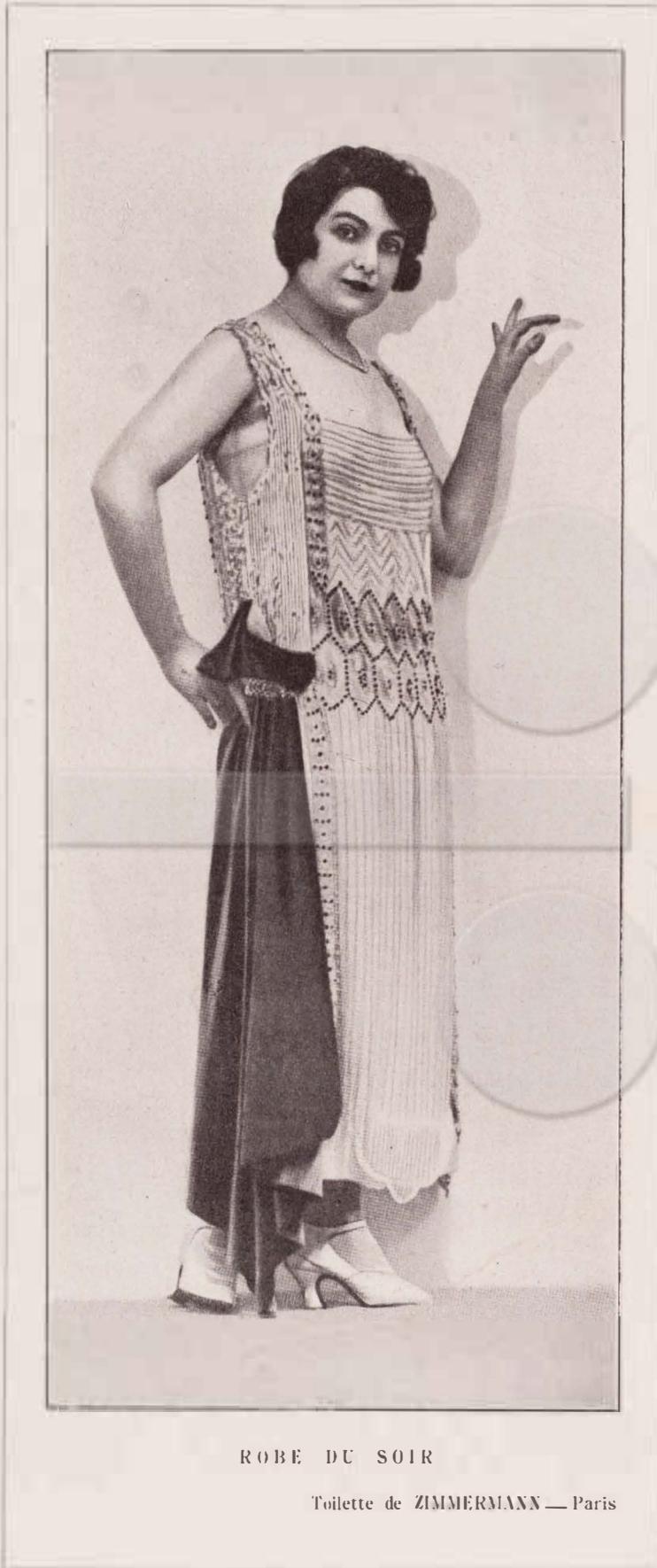
Sahir á rua com um chapéo que combine com o vestuário já é nso classico, e por signal quemuito pratico... e economico.

Mas, voltando ao nosso thema, chamamos a attenção das leitoras para os modelos que hoje lhes offerecemos, e que, sendo infinitamente bellos e graciosos, nem por isso desprezam a virtude essencial no vestuário, que é a sobriedade.

Um delles — o vestido de noivado da princeza Paulo da Yugo Slavia, née Olga da Grecia, confeccionado pela conhecida casa Worth, de Paris — é uma obra prima de belleza simples. Quanto aos outros, não precisamos recommendal-os. Assigna-os Lucile, a famosa costureira, em cujo “atelier” se vestem as mulheres mais elegantes de Europa.



ROBE DE DINER criação de LUCILE — Paris



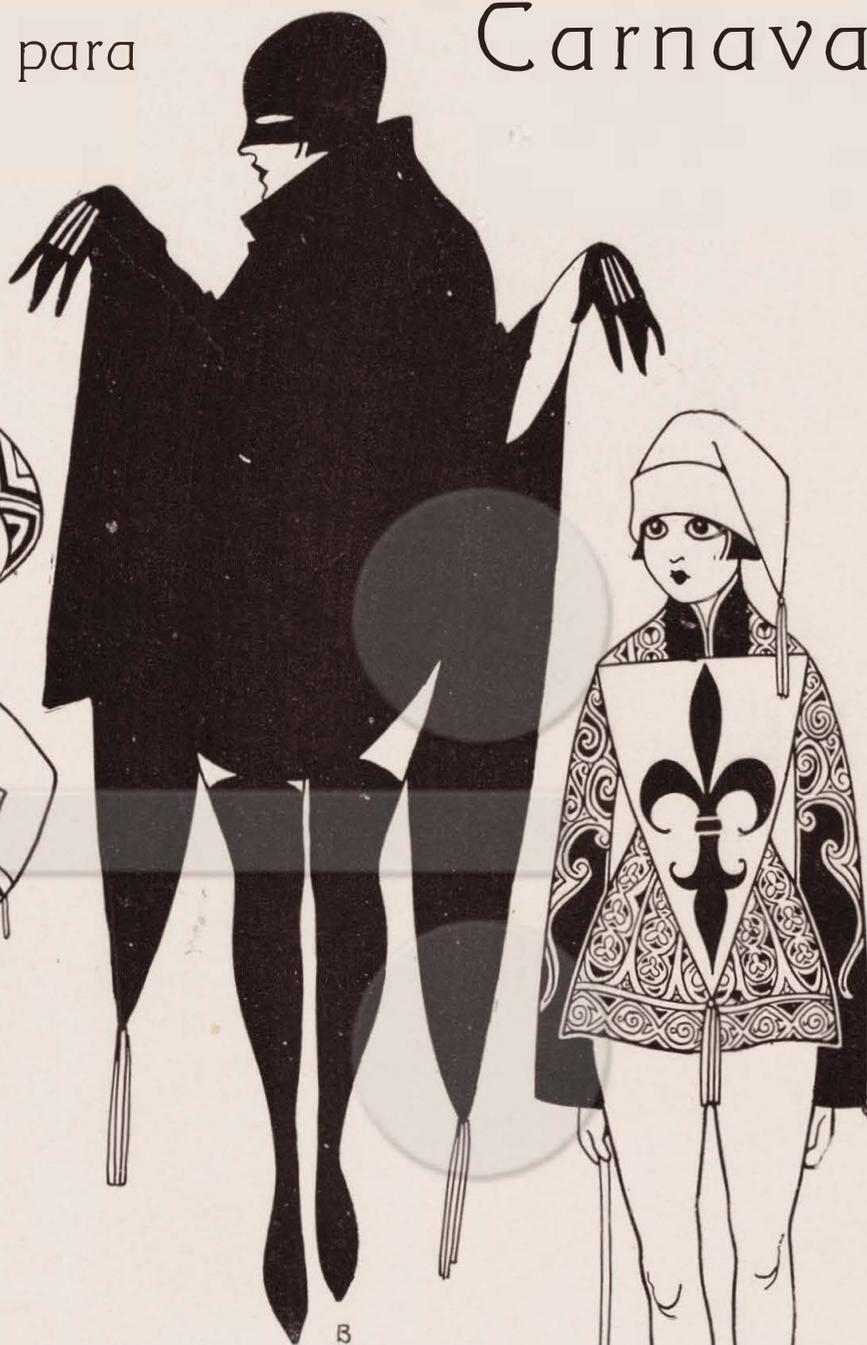
ROBE DU SOIR

Toilette de ZIMMERMANN — Paris



PRINCEZA PAULO DA SERVIA  
Toilette de WORTH — Paris

# Fantasia para Carnaval



Damos aqui trez lindos modelos para fantasias, criações do Snr. Bastos Barreto. Se as nossas gentis leitoras acharem que *as saias* estão um pouco curtas, poderão pedir á sua modista para as descer mais um pouquinho...

EM

BOLSAS,

LUVAS e

MEIAS DE SEDA

para senhoras e artigos para presentes



**GITANA**  
VERSOS INEDITOS DE MANUEL DO CARMO

Para o FERNANDO CALLAGE

*Dizia um vate andaluz  
Que as gitanas de Sevilha  
Conhecem, á maravilha,  
Da magia a extranha luz;*

*E, quando fazem a cruz,  
Ante a qual tudo se humilha,  
Na palma nos lêm a trilha  
Que na vida nos conduz...*

Recebe quinzenalmente de  
Paris as ultimas  
novidades

*Gitana de olhar que sonha,  
Infeliz o que deponha  
Aos teus olhares a mão;*

Gonçalves Dias, 75

Central 2893

*Gitana, esconde a Verdade!  
Só existe a Felicidade,  
Se nos envolve a Illusão...*

MANUEL DO CARMO  
(da Academia de Letras do Rio Grande do Sul)



Modelos  
de  
MARIE  
CROZET



Modelos  
para  
Chapeus



Novidades  
Parisienses

Modelo LEWIS



Creações  
de  
Maria  
GUY





MAE MURRAY

# O TEMPLO

# DE VENUS



Damos aqui tres lindos aspectos do primeiro super-especial que a Fox-Film exhibirá brevemente. e que, como as nossas gentis leitoras verão, é de um encanto e aparato estupendo, sendo sem duvida alguma a maior epopéa dos ultimos tempos



# FOX FILM

Offerece a V. S. o maior lucro para 924

TOM MIX

JOHN GILBERT

CHRLES JONES

WILLIAM RUSSEL

WILLIAM FARNUM

SHIRLEY MASON

A FOX este anno apresenta :

22 - ESPECIAES

27 - FILMS COMMUNS

43 - COMEDIAS

26 - FILMS EDUCATIVOS

ACTUALIDADES

AL ST. JOHN

CLYDE COOK

são astros contractados pela FOX para desempenho dos papeis de suas produções

FOX FILM DO BRAZIL (S. A.)

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 41

RIO

FOX FILM DO BRAZIL (S. A.)  
50, RUA DOS ANDRADAS, 50  
PORTO ALEGRE

FOX FILM DO BRAZIL (S. A.)  
55, RUA TRIUMPHO, 55  
S. PAULO

## O Príncipe da aventura e do romance



A popularidade de Rodolpho Valentino, nos Estados Unidos, é uma dessas coisas raras que não têm paralelo em parte alguma. Esse italiano é, para as girls, mais que um idolo, é o prototypo do "amador", é um Dempsey do amor. Entretanto, não se parece a Don Juan. Este conquistava. Elle não conquista.

Pelo contrario, foge das mulheres, não obstante ser o homem por quem se deixariam conquistar, se elle quizesse, noventa por cento das "gils" norte-americanas!

Tendo brigado com a fabrica de films onde trabalhava, para ganhar a vida teve de dansar o tango com a esposa, num dos salões de baile mais luxuosos de Chicago, vencendo por meia hora de tango o equivalente a sessenta contos de réis.

Tres a quatro mil pessoas se premiam no salão, todos os dias, para ver o idolo, e outro tanta gente se acotovelava e se espezi-nhava na rua, só par o "sentir". em duas horas de anciosa espera!

Uma noite, num theatro do Broadway, onde o grande John Barrymore interpretava magistralmente o "Hamlet", uma multidão incalculavel interrompeu o espectáculo para "ver" Valentino que assistia á representação!

E' o homem a cujo amor, parece, aspiram todas as melindrosas americanas, entre as quaes não se emprega mais a phrase "meu noivo" mas esta "meu valentino"!

— E, Rodolpho Valentino — pergunta um chronista — é assim tão bello para um tal fanatismo?

Como homem — responde o mesmo chronista — não posso ser juiz de belleza masculina, mas, em minha opinião não ha tal.

E' mais baixo que alto, delgado, muito menos elegante que Herbert Rawlinson, por exemplo, mas tem, parece, um atractivo formidavel, para as "girls". os olhos expressivos do meridional, um typo moreno de apaixonado, o typo italico perfeita que equi-vale a muito fogo no coração.

E que mulher não aspira a queimar-se nesse fogo?

Um príncipe de aventura e de romance. afinal!

Os mais sublimes  
modelos

E.M.

Vestidos de cambraia

Vestidos lingerie

Vestidos para rua

Os ultimos padrões

E.M.

SEDAS LESAS

E

SEDAS FANTASIA

Encontrará V. Ex. pelos me-  
nores preços

RA

ROYAL STORE

187, OUVIDOR, 189

Telephone Norte 6717

Rio de Janeiro



WILLIAM HART

# ALBUM FAMILIAR

## UM ELOGIO DO "ABAT-JOUR"

Num interior, os pequeninos nadas são tudo. Ainda outro dia, um jornal grave como é o "Figaro" do malgrado Calmette, fazia, sob o galante titulo de "Le gout chez soi", o elogio ardente do "abat-jour".

E o interessante é que, perdendo o seu ar de veneranda austeridade, o "Figaro" tecia a proposito, o mais lyrico madrigal dos ultimos tempos.

Vamos transcrevel-o no original, para que não perca a sua espontanea l'escura.

Eilo:

"La joie et la lumière nous font vivre. Notre cœur sans la douce caresse est bien lourd. Et sans la lumière notre maison est bien abandonnée.

Vive la lumière qui apporte la gaieté!

Grands abat-jour de soie rose ou jaune aux volants frangés de soie, vous donnez à nos pensées un peu de la franche et saine clarté que vous reflétez! Et vous, abat-jour aux tons bleus ou mauves pour les boudoirs ou les chambres à coucher, votre lumière est si douce que nous nous envelopons bien doucement dans le beau Pays des Songes.

Cherchez bien vite ce joli et utile talisman qui donne à la lumière un charme de plus, à la femme plus de beauté, et par cela même plus de bonheur."

O "Figaro" tem razão...

Haverá encanto maior, num interior, do que, á noite, a luz semi-velada de uma lampada, espargindo sobre os divans e coxins de uma sala ou de um gabinete de estudo a maravilha do seu cla-

A arte de fabricar flôres artificiaes attingiu, nestes ultimos tempos, a um grão, podemos dizer, de absoluta perfeição.

Como se sabe, foram os italianos que a inventaram, empregando, a principio, fitas de diversas côres, que frisavam ou preguavam sobre fios de latão, para imitar a natureza. Ha quarenta annos, em França, usava-se o taffetà para as folhagens e o baptista fino para as petalas. Fizeram-se nessa epoca, flôres de cêra, de casca de noz, de cabellos e até, segundo se affirmava, de pelle de cvo, sobresahindo entre os amadores dessa arte nova e curiosa a celebre Mme. de Genlis, cujos trabalhos mereceram a admiração de Buffon.

As flôres artificiaes, principalmente as de sêda, adaptam-se ás mil maravilhas a qualquer especie de decoração. Quem nol-o diz é a autorizada Mme. Valentine About uma summidade na materia. Ellas se fabricam, todas, da mesma maneira, podendo-se empregar indifferentemente na sua

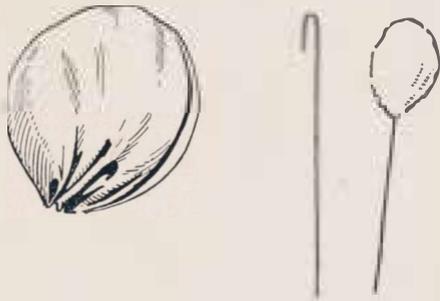


Fig. 1

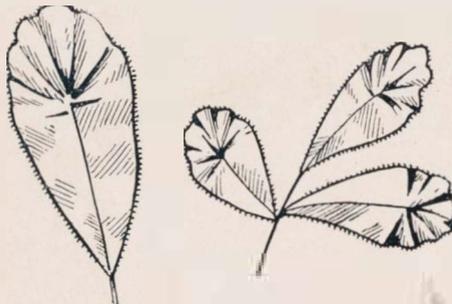
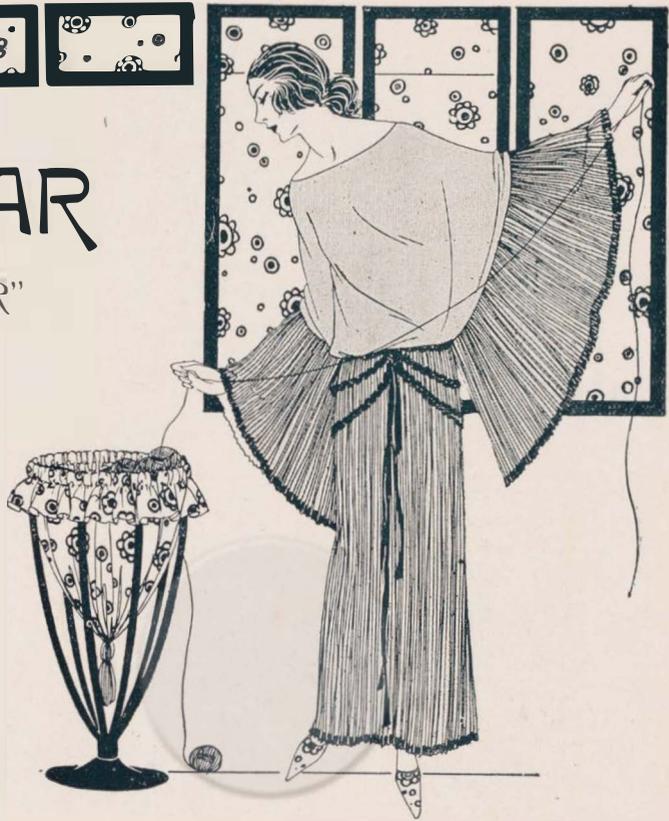


Fig. 2



ração verde, vermelho, amarello, azul, todas as côres do arco-iris, todas as cambiantes da côr?

Mantenhemos, pois, o culto dos "abat-jours". Elles são, para os nossos olhos, motivos de esplendida belleza.

confeção, o setim, o velludo, o taffetà, a musselina de seda, a gaze de ouro, de prata ou de aço, o organdi, fitas de todas as larguras, etc. Nada mais facil e mais commodo, já se vê... Querem as nossas leitoras, por acaso, enfeitar os seus chapêos, os seus vestidos, os seus "appartements" de lindas rosas de sêda? Bastará que lancem uma vista d'olhos pelas pequenas gravuras que enfeitam a pagina deste "Album". Por ellas, poderão — si o quizerem, é claro — fabricar as mais bellas rosas artificiaes do mundo, superiores — quem sabe? — ás famosas de Mme. de Genlis...

A figura 1 representa o modo de preparar as folhas, que devem ser grupadas de 3 em tres, cada qual se compondo, por sua vez, de um subgrupo de tres folhinhas.

A figura 2 dá a idéa das petalas, que deverão ser fixadas na extremidade de um fio de latão recurvado, de maneira a formar o "bouquet" da figura 3.

E ahi têm as nossas graciosas leitoras uma lição quasi sem palavras que, quando nada, vale por uma sincera prova de boa vontade...

Muitos bons dias! Até Março!



Fig. 3

# A Historia de MANON LESCAUT

## Do ABBADE PRÉVOST

(Continuação)

Nota — No numero 8, por um lapso de paginação, sahiram trocadas as duas ultimas meias paginas.

Estou em circumstancias de lhe não faltar com cousa alguma e conto que a minha fortuna irá em augmento de dia para dia. — Não tenho medo senão de uma cousa: é que G... M... não se sirva do conhecimento que tem da nossa habitação para nos fazer alguma maroteira.

M. de T... ass-verou-me que nenhum receio devia ter por esse lado, que G... M... era capaz d'uma loucura amorosa, mas não de uma infantia; que se elle tivesse a ojeriza de commetter uma qualquer, seria elle o primeiro que fallaria em o punir, e a reparar por esse modo a desgraça a que tinha da occasião.

— Agradeço-lhe esses sentimentos, repliquei eu, mas o mal estaria feito e o remedio seria muito incerto. Assim, o partido mais prudente a tomar é de me prevenir, abandonando Chailiot para irmos morar n'outra parte.

— Sim, replicou M. de T..., mas a impossibilidade está em o fazer com tanta pressa quanta é precisa, pois G... M... deve aqui estar ao meio dia; disse-m'o hontem, e foi isso o que me obrigou a vir tão cedo informal-mente os seus planos. Póde chegar a todos os momentos.

Um aviso tão instante fez-me encerrar mais seriamente o negocio. Vista a impossibilidade em que me achava de evitar a visita de G... M... e portanto a de impedir que elle fizesse a sua declaração a Manon, tomei o partido de ser eu mesmo quem a prevenisse dos designios d'este novo rival.

— Imaginei que ella, vendo-me ao facto das propostas que lhe ia fazer, e recebendo-as á minha vista, Manon havia de ter a força necessaria para as rejeitar. Communiquei a minha intenção a M. de T... que me respondeu que isso era negocio muito delicado.

— Confesso-o, retorqui eu; mas todas as razões que qualquer homem póde ter para depositar confiança cega em sua amante, eu possuo-as para contar com a afeição de Manon. Não haveria senão o brilhantismo das offeras para a deslumbrar, e eu já disse ao amigo que ella não é interesseira. Gosta das suas commodidades, mas também gosta de mim; e na situação pecuniaria em que me acho, eu não posso acreditar que ella me repudie ao filho de um homem que a prendeu no Hospital. Em uma palavra, persistindo na minha idéa, retirei-me com Manon para o seu gabinete, e confessei-lhe francamente tudo quanto acabava de ouvir.

Manon agradeceu-me o bom conceito em que eu a tinha, e prometeu-me receber os offercimentos de G... M... de modo tal que não lhe havia de ficar muito desejoso de os renovar. — Não, disse-lhe eu; é preciso não o irritar com alguma grosseria; não de nos ser isso muito prejudicial. Mas tu bem sabes, tu, minha filha, ajuntei rindo, de que modo te deves desfazer de um amante desagradavel ou incommodo.

Manon, depois de ter pensado um pouco, replicou-me: Vejo-me á idéa um plano admiravel, e glorio-me de ser a sua inventora. G... M... o filho do nosso mais cruel inimigo: é preciso vingarmos-nos do pae, não do filho, mas sim na sua bolsa. Quero dar-lhe attenção, aceitar os seus presentes, e mofarmos delle depois.

— O projecto é attraente, disse-lhe eu, mas não vês, pobre criança, que foi um, em tudo semelhante, que nos levou direitinhos ao Hospital? Debalde tentei representarlhe os perigos da empresa, mas respondeu-me que tudo estava no modo por que tomássemos as nossas medidas.

Dae-me um amante que não vá cegamente de accordo em todos os caprichos da mulher adorada, e estarei convencido de que fiz mal por ceder tão facilmente.

Resolvemos enganar G... M..., mas por uma bizarra reviravolta do acaso fui eu por elle enganado, voltando-se este arte o feitiço contra o feitiço.

eram onze horas quando a sua carruagem chegou. Pediu-nos milhares de descul-

pas, todas estudadas, pela liberdade que tomava de vir jantar connosco. Não se admirou de encontrar M. de T... que na vespéra tambem lhe tinha prometido de vir, mas que tinha pretextado alguns negocios para que elle o dispensasse de acompanhar na mesma carruagem.

Ainda que nem um só de todos os presentes não tivesse a tração borbulhandolhe na mente, sentamo-nos á mesa com o ar da maior confiança e amizade reciprocas. G... M... achou facilmente occasião para declarar os seus sentimentos a Manon, pois que eu propositadamente me ausentei da casa de jantar alguns minutos.

Vi, quando voltei para a mesa, que não o tinham tratado com rigor. Estava com o melhor humor do mundo. Eu fingi estar igualmente alegre; G... M... ria-se inteiramente da minha cegueira; eu da sua. Toda a tarde representamos um para com o outro uma scena mui agradável. Antes da sua retirada ainda lhe proporcionei um momento de conversa a sós com Manon, de sorte que não teve senão a felicitarse, não só pela minha complacencia como pelo jantar que eu lhe dera.

Logo que G... M... se mettu na carruagem com M. de T... Manon correu para mim de braços abertos, e beijando-me muito, vi-a a ponto de estalar com riso. Repetiu-me as suas palavras e propostas, sem lhes mudar uma syllaba. Reduziam-se ao seguinte: elle adorava-a, queria partilhar com ella umas quarenta mil libras que já usufruía, sem contar com o que esperava por morte de seu pae. Ella ia ser senhora absoluta do seu coração e da sua fortuna; e, como penhor das suas promessas, elle compromettia-se a dar-lhe já carruagem, um palacio mobiliado, uma criada particular, tres laçaios e um cozinheiro.

— Ora eis ahí um filho, disse eu a Manon, muito mais generoso de que seu pae. Mas fallamos serio e de boa fé, ajuntei, não te tenta este offercimento?

— A mim? respondeu ella, ajuntando á sua resposta estes dois versos de Racine:

Moi! vous me soupçonnez de cette perfidie?  
Moi! je pourrais souffrir un visage odieux,  
Qui rapelle toujours l'Hôpital a mes yeux?

— Não; repliquei eu, continuando a parodia:

J'aurais peine a penser que l'Hôpital, ma chère,  
Fut un trait don l'amour l'eut grave dans  
[votre ame.]

Mas é uma fortuna seductora, um palacio mobiliado com carruagem e tres criados; o amor poucas vezes proporciona estas felicidades.

Manon protestou-me que o seu coração seria meu por toda a vida, e que ninguém mais seria capaz de a impressionar a não ser eu. — As promessas que elle me fez são mais um incentivo á vingança do que um appello ao amor; assim terminou ella.

Perguntei-lhe se estava resolvida a aceitar o palacio e a carruagem. Respondeu-me que nada queria senão o dinheiro.

A dificuldade estava em poder obter uma cousa sem a outra. Resolvemos pois esperar a inteira explicação do projecto de G... M..., numa carta que elle tinha promettido a Manon. Esta carta veio no dia seguinte, trazida por um laçαιο sem libré, que, com toda a astucia, lha entregou sem que ninguém visse. Manon disse-lhe que esperasse pela resposta e veio trazer-me a carta. Abrimol-a juntos.

Além das banalidade costumadas em cartas deste theor continha ella os detalhes das promessas do meu rival. Não se poupava a despesas. Compromettia-se a entregar-lhe dez mil francos ao tomar ella posse do palacio, e a custear por tal forma as diminuições que este fundo soffresse, que ella pudesse sempre encontrar-o intacto na sua bolsa. O dia da inauguração não era mui distante. Pedia-lhe dois para os

preparativos, e dizia-lhe o nome da rua e o palacio onde esperava encontral-a, na tarde do segundo dia, se ella pudesse escappulir-se da minha companhia. Era este o unico ponto em que elle pedia o tirasse de cuidados; mostrava estar certissimo de tudo o mais, mas ajuntava que se Manon tinha difficuldade na fuga, elle acharia meio de a facilitar.

G... M... era mais fino do que seu pae. Quería ter o peixe antes de gastar a isca. Deliberamos sobre o comportamento que Manon teria a seguir. Fiz ainda todos os esforços para lhe tirar de cabeça um tal projecto, representando-lhe todos os perigos.

Nada foi capaz de a dissuadir da sua resolução.

Respondeu em poucas linhas a G... M... para lhe assegurar que não tinha difficuldade alguma em se achar em Paris no dia marcado, e que elle a podia esperar com toda a certeza.

Combinámos em seguida que eu iria immediatamente alugar casa num logar fóra de Paris, diametralmente opposto ao que ora occupavamos, e que para lá eu faria transportar toda a nossa pequena mobilia; que no dia seguinte de tarde, dia marcado, ella iria cedo para Paris; que depois de ter recebido os presentes de G... M... pedir-lhe-ia instantaneamente a levasse ao theatro; guardaria consigo tudo quanto ella pudesse levar da somma dada, enarregando do resto o meu criado, que ella quiz levar tambem para Paris. Era ainda o mesmo que tinha ajudado a fugir do Hospital, e que nos era infinitamente afeiçãoado. Eu devia achar-me com uma carruagem á entrada da rua de Santo André dos Arcos, e deixal-a ahí ficar pelas sete horas, para avançar a pé e na obscuridade até á porta do theatro. Manon prometeu-me inventar um pretexto para sahir um instante do camarote, e empregal-o em descer para vir encontrar-me. A execução do resto era facil. N'um instante estaríamos dentro da carruagem, e sahiríamos de Paris pelo arrabalde de Santo Antonio, caminho da nossa nova habitação.

Este plano, não obstante ser tão extravagante, pareceu-nos muito bem combinado. Mas, no fim de tudo, sempre era uma louca imprudencia a imaginar que ainda mesmo que elle tivesse o melhor exito do mundo, nos poderíamos pôr a coberto das suas consequências.

No entanto expuzemo-nos com a mais temeraria confiança. Manon partiu com Marcello, era assim que se chamava o nosso criado. Ao vel-a partir confrangui-me o coração. Abraçando-a, disse-lhe: — Manon, não me enganas? Serás sempre fiel? Ella queixou-se ternamente da minha desconfiança e renovou-me todos os seus juramentos.

A sua tenção era chegar a Paris pelas tres horas. Parti depois della. Fui matar o tempo durante a tarde ao café "Féré", na ponte de S. Miguel. Ahí me demorei até á noite. Sahi então para alugar um "fiacre", que colloquei, segundo o ajustado, á entrada da rua de Santo André dos Arcos; depois dirigi-me a pé para a porta do theatro. Admirou-me não encontrar Marcello, que me devia esperar allí. Uma hora estive de impaciencia confundido com uma multidão de laçaios, e o olho vivo sobre todos quantos entravam ou saham.

Emfim, tendo dado sete horas sem que eu tivesse visto a mais pequena cousa que tivesse relação com o plano combinado, comprei um bilhete da platéa para ver se descobria nalgum camarote Manon e G... M... Nem um nem outro lá estavam; voltei novamente para a porta cheio de impaciencia e inquieto. Não tendo visto apparecer ninguém, dirigi-me para a carruagem sem saber o que pensasse ou o que deveria fazer. Cocheiro, tendo-me visto, adiantou-se para me dizer que uma linda rapariga me esperava dentro do trem, havia mais de uma hora; que tinha perguntado por mim, dando signaes certos, e tendo sabido que eu

